



CRB

REVISTA DA CONFERÊNCIA  
DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

Ano VIII-N.º 89  
Novemb.de1962

# Revista da Conferência dos Religiosos do Brasil

## SUMÁRIO

DOCUMENTOS	673	● Carta de S. Emília. o Card. Valério Valeri, Prefeito da Sagr. Congregação dos Religiosos.
	674	● Reuniões de estudo sobre as Organizações dos Religiosos no mundo — Roma, 17 de dezembro de 1961.
	681	● Declarações de Arcebispos, Bispos e Sacerdotes do Nordeste.
FORMAÇÃO DAS RELIGIOSAS	685	● O Juniorato na Formação das Religiosas — III — Pe. João Corso, S. D. B.
DIREITO VOCACIONAL	699	● Medidas jurídicas para o exercício do direito de vocação antes da maioridade — Juiz Cristovam Breiner.
FILOSOFIA E RELIGIAO	701	● Padre Teilhard de Chardin: seu pensamento no plano filosófico e religioso — de "L'Osservatore Romano", 30-6-62.
A COMUNIDADE PAROQUIAL	709	● III — O Vigário e os leigos — Pe. Leão Douven C.Ss.R.
HISTÓRIA DE CONGREGAÇÕES	715	● Há 25 anos o primeiro Missionário da Consolata no Brasil — Pe. Natal Facchini I.M.C.
SERVIÇO SOCIAL	725	● A Religiosa na Sociedade em evolução — Estudo em grupo, pelas Irmãs da Providência de Gap, em Itajubá-MG. ● Comunidades Religiosas "em estado de missão".
UMA INICIATIVA OPORTUNA	729	● A Coleção "Seminários" — Pe. Bertrand de Margerie S. J.
COMUNICAÇÕES	734	● São Paulo — Sociedade Brasileira de Psicologia Religiosa. ● Rio — Encontro Nacional de Redatores Chefes. ● Viamão — Retiro iniciano de 30 dias. ● Rio — NS — Nosso Século — Nova Revista mensal.
BIBLIOGRAFIA	735	

---

Propriedade da Conferência dos Religiosos do Brasil  
Av. Rio Branco, 131 - 9.º andar — Rio de Janeiro — Brasil  
Diretor Responsável: Pe. José Paulo Sales, C. M.

## SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RELIGIOSOS

AG 2223/62

Roma, 28 de abril de 1962

Reverendíssimo Padre,

Tenho a grata satisfação de enviar, anexas à presente, as Atas da Reunião de estudo sobre as organizações dos Religiosos no mundo (Roma, 17 de dezembro de 1961). Aquêl encontro, realizado num clima de cordialidade familiar, foi certamente útil para uma informação comum sobre o movimento de união e também para o aprofundamento dos princípios que animam e a formulação de iniciativas particularmente apropriadas ao momento presente.

O bom êxito do congresso deve-se sem dúvida, também, à contribuição pessoal dos padres presentes à reunião, os quais participaram ativamente e com muito interêsse, das trocas de idéias; para êles esta S. Congregação expressa seu sincero agradecimento pela preciosa contribuição por êles dada nas várias intervenções sobre os diversos assuntos.

A respeito das conclusões estabelecidas nos ditos encontros, esta S. Congregação aprova como diretiva prática o que se refere nas "Atas", nos números 3 e 4 das "Conclusões", isto é, a conveniência de criar Federações ou, ao menos, Secções para ministério de apostolado no seio das Conferências das Superiores Maiores e o princípio jurídico que estabelece a adesão dos Institutos Religiosos às Conferências.

Êste Sagrado Dicastério julga oportuno encarecer novamente a tôdas as Conferências nacionais dos Religiosos a necessidade de manter e aumentar a vitalidade das organizações com iniciativas frutuosas em matéria de formação e de apostolado, e de cuidar, com delicadeza e a maior deferência, das relações mais cordiais possíveis com a Venerável Hierarquia local.

Não foi possível redigir as "Atas" em outras línguas, sobretudo pela impossibilidade de tempo e técnicas de impressão e expedição; portanto, pede-se a essa Conferência queira providenciar a tradução do texto italiano, se o julgar necessário ou útil. Apresso-me, finalmente, em recomendar a suas orações dois Religiosos que se tornaram muito beneméritos para o nosso movimento de união e que foram chamados por Deus à eterna recompensa depois de tanto bem realizado na Santa Igreja: O Revmo. Pe. Emílio Arango S. J., Secretário Geral da CLAR, falecido repentinamente a 15 de dezembro de 1961, e o Revmo. Pe. José Flesch C.Ss.R., Secretário da União dos Institutos Religiosos Clericais da Alemanha e Assistente Religioso da União dos Religiosos Irmãos e das Religiosas do mesmo país, falecido a 28 de março de 1962.

Com os votos mais vivos para um sempre crescente florescimento de fervor e de apostolado na Conferência dêsse País, aproveito com prazer a oportunidade para lhe expressar meus sentimentos de profunda estima e professar-me

devotíssimo no Senhor

ass.) Valerio Card. Valeri

Prefeito

## REUNIÕES DE ESTUDO SÔBRE AS ORGANIZAÇÕES DOS RELIGIOSOS NO MUNDO — Roma, 17 de dezembro de 1961

Encerrado no dia 16 de dezembro o Primeiro Congresso internacional das Vocações Religiosas, a Sagrada Congregação dos Religiosos reuniu, no dia seguinte, os representantes das várias Conferências e Uniãos de Religiosos no mundo, para estudarem juntos alguns problemas referentes à organização das mesmas.

Recebendo agora as atas dessas reuniões, iniciamos, com êste número, sua publicação, certos de que o que foi discutido e resolvido dará não só uma idéia daquilo que foi realizado até agora com relação à organização dos Religiosos, mas contribuirá para que esta organização alcance, entre nós, as finalidades que a Santa Sé deseja sejam postas em prática.

A Redação.

Domingo, dia 17 de dezembro de 1961, realizou-se, na sede da S. C. dos Religiosos, uma reunião de estudo para os representantes das Conferências Nacionais dos Superiores Maiores. Presidiu a reunião o Exmo. Pe. P. Philippe, O. P., Secretário da S. C. R., assistido pelos membros do mesmo S. Dicastério que compõem o "Ufficio Organizzazione" na própria S. C., isto é: Pe. G. Mandelli, chefe do mesmo, P. G. Nardin, secretário adido, P. E. Joulia, pela língua francesa, Pe. B. Ransing, pelo inglês, Pe. S. Monzò, pelo espanhol, Pe. A. Cardillo, pelo português.

Estavam presentes os Presidentes ou Secretários dos seguintes países: Alemanha, Ástria, Argentina, Bélgica, Bolívia, Brasil, Canadá, Colômbia, Dinamarca, Equador, Escócia, Espanha, Filipinas, França, Holanda, Inglaterra, Itália, Malta, México, Paraguai, Peru, Polônia, Portugal, São Salvador e América Central, Uruguai, U.S.A., Venezuela.

---

A sessão matutina, dedicada ao estudo da **Organização Internacional dos Organismos Nacionais dos Religiosos**, foi aberta com a relação do Revmo. Pe. G. Mandelli I.M.C., Oficial da S.C.R., desenvolvendo o tema:

**"VISÃO PANORÂMICA SÔBRE AS ORGANIZAÇÕES DOS RELIGIOSOS NO MUNDO".**

No I Congresso Geral dos Institutos de Perfeição (1950), que foi a base de lançamento do movimento, foram indicadas como linhas de marcha do movimento: 1) um aprofundamento dos princípios teológicos, jurídicos e apostólicos da vida religiosa na Igreja; 2) um conhecimento maior e um auxílio mútuo mais sentido entre os diversos Institutos de Perfeição em campo Nacional e Internacional, e, finalmente 3) um estudo mais acurado das finalidades específicas de apostolado ordinário e extraordinário, em vista

também de uma colaboração mais estreita com tôdas as forças vivas da Igreja, sobretudo com a Hierarquia eclesiástica.

O convite feito pela Santa Sé não só foi aceito pelos Religiosos, mas também foi entendido no seu sentido mais profundo. São testemunhas disso a centena de organizações, verticais ou horizontais, masculinas ou femininas, que atualmente existem no mundo. Também a recente publicação de D. G. Nardin, O.S.B., "Il movimento d'Unione dei Religiosi nel mondo", dá disso uma clara idéia. Da exposição do Relator, documentada pelas intervenções dos participantes nas frutuosas trocas de idéias, foram reafirmados os pontos seguintes, que dizem respeito aos princípios constitutivos do movimento, natureza, finalidade, atividade das Conferências.

### **Natureza**

As uniões (Conferências, Federações, etc.) dos Religiosos são de "Direito Pontifício" ainda que algumas das instituições que delas fazem parte sejam de direito diocesano. Dependem da S.C.R., a qual reserva para si sua ereção, a aprovação dos Estatutos e a confirmação dos encargos mais elevados.

Em relação a êsse caráter "Pontifício", uma das finalidades das uniões é de ser instrumento executor das diretivas da S. Sé em cada país.

Secundariamente, do caráter pontifício segue-se também que as Uniões, como tais, têm uma personalidade moral canônica e, se fôr julgado oportuno, podem adquirir também a personalidade civil. Das discussões ficou bem claro que se deve considerar como membros de direito das Uniões: 1) Os Superiores Gerais dos Institutos que têm a quase totalidade de seu Apostolado num país, 2) os Superiores Provinciais do país pelos Institutos divididos em Províncias, 3) os Superiores delegados para representarem os Institutos e atividades apostólicas no país, mas com casa geral no estrangeiro.

### **Finalidades**

Os Estatutos das Conferências, aderindo perfeitamente às diretrizes da S.C.R., estabelecem como finalidades principais:

1) União fraternal entre as Religiões, Sociedades e Institutos Seculares com o fim de reavivar e aprofundar, antes de tudo, os princípios teológicos e canônicos que inserem a vida religiosa na própria estrutura santificadora e apostólica da Igreja.

2) Uma colaboração sincera para incrementar uma melhor seleção e conseqüentemente uma formação religiosa e apostólica mais perfeita dos membros dos Estados de Perfeição.

3) O estudo e sugestões teóricas e práticas para uma melhor preparação dos problemas de governo das famílias religiosas.

4) O despertar de entusiasmo, sempre nôvo e ativo pelo trabalho apostólico, em prol da Igreja, em harmonia e dependência com a Hierarquia Eclesiástica. Para êsse fim ficam estabelecidas e projetadas freqüentes realizações apostólicas comuns, nas quais se unem as forças dos vários Institutos em prol de missões apostólicas específicas de campo mais amplo.

## Organização

1) Foi salientado o princípio fundamental de que se trata de União de Superiores Maiores, pois o Movimento de Organização está subordinado, hierarquicamente e em tudo, à autoridade religiosa. Por conseguinte, a Conferência dos Superiores tem em vista alcançar uma estrutura dinâmica tal que possa facilmente dirigir, vigiar e incrementar o Movimento de Perfeição e de Apostolado de vida religiosa de um País, sempre, porém, no maior respeito à autonomia de cada um dos Institutos e também das Federações por ministério apostólico. Expressão concreta deste princípio é a existência, em Roma, da União Romana dos Superiores Gerais e da União Romana das Superiores Gerais, para as quais se orientam, com relações mais freqüentes e concretas, as União nacionais.

2) Em cada país existe, ordinariamente, a Conferência dos Superiores e a Conferência das Superiores Maiores, de maneira diversa, distintas e coligadas entre si, conforme os diversos Países. Existe, porém, o maior cuidado para que haja em toda parte uma colaboração harmoniosa e eficaz.

3) As Conferências dos Religiosos cuidam também dos contatos dos Religiosos com os organismos leigos católicos. No campo nacional, essas relações parecem úteis sobretudo nos seguintes setores: educação, obras assistenciais e obras de enfermagem. Em todo o caso é a situação local que demonstra ser mais oportuna uma federação distinta de Religiosos, ou sua participação numa única associação leiga católica. No campo internacional se prevê a criação, junto às duas União Romanas dos Superiores e das Superiores Gerais, de Secretariados ou Comissões para os apostolados específicos, como a educação, a assistência social, etc.

## Atividade

É conhecido o esforço florescente de aprofundamento teológico-espiritual da vida religiosa, através de semanas, encontros, reuniões de espiritualidade, Institutos de cultura religiosa superior, Escolas de formação para Mestres de noviços, etc.

Foi proposto a imitação de todas as Conferências o que felizmente se realiza em alguns Países: p. exemplo a criação de Secretarias interdiocesanas ou regionais (como na Itália, U.S.A., Brasil, etc.) para fazer chegar às casas religiosas locais os benefícios do movimento nacional; a ereção de Centros de informação (bibliotecas, publicações, notícias), de Serviços de Estatística, de centros comuns para o recrutamento das vocações religiosas (França, Canadá, Bélgica, Holanda, etc.). De modo particular, sentiu-se a necessidade de constituir centros de estudo de nível universitário ou, ao menos, de cultura superior, para a formação dos "leaders" dos países assim chamados "subdesenvolvidos" e de recente formação na independência soberana.

Esses centros poderiam ser constituídos em Roma, em Paris, na Argentina etc. A União Romana dos Superiores Gerais colabora neste sentido com a C.A.L., mediante a criação de bolsas de estudo para Sacerdotes da

América Latina ou mediante pensão gratuita de estudantes leigos latino-americanos nas cidades Universitárias da Europa.

Na segunda parte da sessão de estudo foi desenvolvido o argumento:

## RELAÇÕES DAS ORGANIZAÇÕES DOS RELIGIOSOS COM O EPISCOPADO

O Exmo. Pe. Secretário da Congregação dos Religiosos, Revmo. Pe. Paulo Philippe, O.P., em sua relação reafirma os princípios gerais sobre os quais estabelecer contatos mais estreitos com o Episcopado e indicava as diretrizes práticas conforme as quais julgar as eventuais dificuldades. A situação nos vários países e as realizações promissoras em algumas nações foram ilustradas pelos respectivos representantes, pondo em evidência os lisongeiros resultados obtidos:

### I — Princípios Gerais.

#### 1. Constituição orgânica dos Institutos de Perfeição

Para a salvaguarda da unidade e o aumento do vigor interno de cada Instituto religioso, a Igreja concedeu e salientou, desde o início, sua autonomia interna de regime em relação aos Ordinários do lugar; autonomia esta que do campo estritamente religioso passou gradativamente ao campo apostólico, sobretudo quando nasceram corpos especializados para finalidades e exigências de apostolado universal, como os estudos, a pregação, as missões, os exercícios espirituais etc. . .

Nêste sentido se introduziu no Direito o termo "isenção". Essa realidade histórica e jurídica é hoje admitida comumente; e por todos deve ser olhada sua conveniência; se quisermos que os Institutos religiosos vivam orgânicamente e conservem a própria organicidade hierárquica e o próprio apostolado específico, livres dos limites de determinados territórios. A respeito o Exmo. Secretário salientava as seguintes palavras de Pio XII: "Sed et Religiosorum Ordinum exemptio neque principiis constitutionis divinitus Ecclesiae datae obsistit neque ullo modo repugnat legi, qua sacerdos Episcopo parere debet. Etenim ad normam iuris canonici religiosi exempti Episcopi loci potestati subsunt, prout episcopale munus perfungendum et animorum rite ordinanda curatio requirunt. Quod etiamsi praetermittamus, in disceptationibus per postrema decennia super exemptionem habitis haud satis fortasse animadversum est religiosos exemptos, etiam ex praescripto iuris canonici semper et ubique Romani Pontificis potestati, utpote supremo suo Moderatori, subiici, cui oboedire tenentur etiam vi voti oboedientiae (cân. 499, § 1). Iamvero Summus Pontifex, ut in universam ecclesiam, ita in unamquamque diocesim et in singulos christifidelès ordinariam et immediatam iurisdictionem habet. Ergo constat primariae a Deo latae legi, qua clerici et laici Episcopi regimini subesse debent, etiam ad religiosos exemptos quod attinet satis superque obtemperatum esse ac denique Christi voluntati et statuto utrisque militiae clerum pari respondere obsequio" (Pio XII, Disc. "Annus Sacer", 8 de dez. de 1950; AAS, 43 (1951), p. 29).

## 2. O Ordinário e o apostolado local

O apostolado dos religiosos, porém, ainda que específico, realiza-se localmente; ora, responsável pelo apostolado local é o Ordinário do lugar (cân. 335 ss.); além disso, ainda que os religiosos pessoalmente não sejam encardinados à Diocese, a ela fica encardinada a casa à qual pertencem (cân. 497, § 1).

O Código é muito preciso no que se refere à atividade dos Religiosos Párocos (cân. 454 § 5; 626-631); mas também para os Religiosos, que se dedicam a qualquer outro ministério apostólico vale a exortação de Pio XII: "Primo loco, quatenus de apostolatu agituri locali, qui adiutricem operam Ecclesiasticae Hierarchyae praestare debeant, prorsus necesse est ut "sine episcopo nihil fiat" (Ep. "Novimus Religiosorum", 20 de set. de 1956; ASS, 48 (1956), pp. 662-665).

## 3. Unicidade do Clero

Já o mesmo Pio XII rejeitou a falsa opinião do "duplo Clero": secular ou diocesano, e regular ou extra-diocesano (Cfr. Disc. "Annus Sacer", 8 de dez. de 1950, ASS, 43 (1951), p. 28); e a Constituição Apostólica "Sedes Sapientiae" reafirmou explicitamente a unicidade do Clero na Igreja: "temporibus nostris turba magna fruitur Ecclesia ministrorum, qui simul et perfectionis ope evangelicorum consiliorum acquirendae et sacerdotalibus muneribus adimplendis incumbunt. Quorum virorum multitudo clericum constituit qui religiosus dicitur, iuxta quidem eum qui saecularis seu diocesanus appellatur, utrisque autem fraterna vigentibus ac florentibus aemulatione mutuoque fecundo auxilio sub una eademque suprema Romani Pontificis auctoritate, incolumi sane episcoporum potestate" (Cap. I, AAS 48 (1956), p. 355).

Todos os sacerdotes, portanto, tanto os seculares encardinados à diocese, como os religiosos nela domiciliados, constituem o "Clero diocesano". Este princípio foi repetidamente lembrado pelo S. Padre João XXIII: "Nos últimos quarenta anos multiplicaram-se as diretivas de nossos Predecessores para uma ação de apostolado síncrona, convergente, que não seja exposta a demoras inúteis e prejudiciais, por falta de combinação, por pretensões de exclusividade de trabalho, ou, não apraza a Deus, por uma certa forma de intolerância para com a obra, mesmo que preciosa, desenvolvida por outros no mesmo campo do Senhor. Essa colaboração, conforme o pensamento dos Romanos Pontífices, exige a formação, sobre o mesmo plano de entendimento, e para um êxito eficaz, de todo o Clero que trabalha em cada diocese, o secular e o regular, para, de boa mente, secundar a vontade e as indicações do Bispo"... Gostamos lembrar nosso propósito de querer considerar como um todo os sacerdotes seculares e regulares, que juntos constituem o Clero diocesano, a serviço das almas, sob o olhar paternal do Bispo" (Aloc. aos Superiores Provinciais da Itália, 15 de nov. de 1960: "Scritti e disc. di S.S. Giovanni XXIII 1960, Siena, p. 52 ss.).

## II — Dificuldades

Estes princípios dos aspectos relativos da vida religiosa, são bem claros em teoria, mas na prática, sua atuação pode tornar-se delicada. O Religioso, exercendo o próprio apostolado específico, é ao mesmo tempo sujeito ao próprio Superior, como religioso, e dependente do Ordinário, enquanto age num determinado território. O Ordinário tem autoridade sobre a atividade do religioso "ratione territorii", o Superior "ratione personae".

Daí podem nascer situações antagônicas: o Ordinário, cõscio das necessidades da diocese, poderia exigir do religioso atividade excessiva e não conforme à natureza do Instituto religioso; o Superior, responsável pela santificação dos próprios súbditos, pelo espírito do Instituto e pelo particular apostolado específico, poderia subestimar as necessidades reais do lugar.

Para assegurar um entendimento harmonioso — sugeria o Exmo. Pe. Secretário — faz-se necessário uma maior compreensão entre ambas as partes: o Ordinário tendo consciência das exigências da vida religiosa, das finalidades apostólicas específicas e das diversas espiritualidades dos Institutos religiosos; o Superior abrindo-se às necessidades apostólicas da diocese. Tal acõrdo é ainda hoje mais necessário que em outros tempos, tendo-se em vista também as exigências da "Pastoral de conjunto". O Bispo tem o dever de dirigir eficazmente a Pastoral da diocese, visando natural e jústamente, enquadrar a atividade dos religiosos numa Pastoral comum e ordenada. Segue-se daí a necessidade, por parte dos Institutos de Perfeição, de se prestarem com seu apostolado particular em harmonia com o conjunto das atividades diocesanas e, por parte do Bispo, aproveitar dos Religiosos, respeitando a fisionomia espiritual e de especialização apostólica dos diversos Institutos religiosos.

## III — Tarefas das Organizações de Religiosos acêrca da colaboração com a Hierarquia

Além da finalidade de favorecer o desenvolvimento profundo da vida religiosa, as Conferências tendem também a tornar os Institutos de Perfeição instrumentos aptos à Hierarquia.

### 1) Diretrizes da Sagr. Congregação dos Religiosos

Sobretudo no segundo Congresso Geral dos Estados de Perfeição (Roma, 1957) foi indicada decididamente a linha a seguir: "E' vontade expressa da Sagrada Congregação que tôdas as Federações, por seu caráter pontifício e geral, sejam em tudo e sempre respeitosas, deferentes e prestativas com os Representantes Pontifícios no País. Sejam diligentes em comunicar-lhes os programas de ação, os atos de qualquer importância no desenvolvimento de suas atividades e as dificuldades encontradas, e ponham-se à disposição deles em tudo aquilo que puderem fazer em conformidade com as orientações da Santa Sé... Procurem de todos os modos coordenar

o trabalho ministerial sob o aspecto local com as ordens e orientações que os Bispos e as Conferências Nacionais dos Cardeais e Arcebispos se dignem comunicar. Procurem informar oportunamente os Bispos sobre tôdas aquelas iniciativas que possam interessá-los; convidá-los igualmente para os cursos, os congressos que tratam especialmente de problemas de apostolado, auxiliá-los em todos os ministérios nos quais se possam tornar úteis. Procurem manter ótimas relações de fraternidade, de colaboração, de auxílio fraternal com o Clero Secular em todos os seus graus e categorias" (Osserv. Rom., 16/17 de dez. de 1957: "Dopo il 2.º Congresso Generale degli Stati di Perfezione"). Este conceito vem sendo inculcado também em todos os Decretos da S.C. dos Religiosos para a ereção das Conferências Nacionais dos Superiores Maiores. Por exemplo: "S. Congregatio negotiis Religiosorum Sodalium praeposita... ut efficaciori incremento ministeriorum quibus incumbunt necnon fraternae inter ipsos ac cum venerabili Clero dioecetano catholicisque Associationibus arctiori in dies cooperationi providere valeat... eadem S. Congregatio Federationem seu Consilium Superiorum et Superiorissarum Statuum Perfectionis in Hibernia approbat" (Decreto de ereção da Conferência dos Religiosos da Hirlândia, 9 de novembro de 1960).

## 2) Nos Estatutos das Conferências dos Superiores Maiores

Essa linha vem sendo seguida fielmente pelas Conferências. Nos estatutos, de fato, frequentemente se professa profundo respeito e pronta disposição ao Episcopado: "A l'égard de la Hiérarchie Canadienne, des Nosseigneurs Révérendissimes les Evêques, la Conférence professe et exprime le plus profond respect dû à ceux que le Saint-Esprit a posés pour gouverner l'Eglise ainsi que sa parfaite allégeance en pleine conformité de la législation canonique en cette matière" (Statuts de la Conférence Religieuse Canadienne, § 5).

Nas Conferências, o Conselho executivo tem também como tarefa manter contato frequente com o Episcopado: "é obrigado a manter comunicações e trocas com o Venerável Episcopado, em todos os setores e problemas de interesse comum aos Religiosos e à Hierarquia, por meio da Conferência Nacional dos Bispos" (Estatutos da Conf. dos Sup. Maiores da Venezuela, 7, 8).

Um Exmo. Núncio Apostólico, dando relações à S.C. dos Religiosos sobre a Conferência dos Superiores Religiosos, podia afirmar: "uma Conferência dos Superiores Maiores, ou outros organismos congêneres, tem a finalidade de promover a cooperação entre as comunidades religiosas para oferecer seu serviço ao Episcopado do País inteiro, o qual tem assim à sua disposição um grupo de forças com as quais pode contar no desenvolvimento de boas iniciativas" (Mons. A. Samoré, carta de 12 de fev. de 1955, com relação à Conferência do Uruguai).

(continuará no próximo número)

## DECLARAÇÕES DE ARCEBISPOS, BISPOS E SACERDOTES DO NORDESTE

Nós, Arcebispos, Bispos e Sacerdotes de 22 Dioceses, presentes ao **Curso do Movimento por um Mundo Melhor para o Nordeste**, empreendido por convocação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, estivemos reunidos durante 15 dias em orações e estudos para:

1. Situar a posição da Igreja face à problemática do Nordeste;
2. Traçar diretrizes para uma ação de conjunto, objetivando uma coordenação de esforços e hierarquização de metas;
3. Criar um Secretariado sob o patrocínio da CNBB com o objetivo de planificar e coordenar os Programas apostólicos que podem servir às Dioceses do Nordeste, que dêles se queiram utilizar.

### Constatamos :

1. Que o Nordeste, estendendo-se da Bahia ao Maranhão, com seus vinte e cinco milhões de habitantes, representando 1/3 da população nacional, constitui-se, seguramente, "a mais importante área-problema de todo o hemisfério ocidental". A renda média da população nordestina é uma das mais baixas do continente, não chegando à terça parte da renda média do centro-sul do País — 100 dólares, aproximadamente.

2. Que a região apresenta uma grande mobilidade social, intensificada pelas migrações internas à procura de regiões mais férteis: sul, centro-oeste e norte do País ou dos grandes centros urbanos.

3. Que no fenômeno da urbanização nota-se, de modo especial, o crescimento desmesurado, vertiginoso e anormal das grandes cidades, onde se acumulam grandes massas de população.

4. Que o Nordeste, região predominantemente agrícola e altamente vulnerável ao fenômeno da seca (que afeta 4/5 do território nordestino), tem, nessas ocasiões, mais da metade de sua população, em idade de trabalhar, reduzida à indigência.

5. Que a estrutura agrária da região constitui um dos grandes impedimentos ao seu desenvolvimento e à promoção do homem nordestino (1,2% dos proprietários possuem 31,7% da área).

6. Que as transformações sócio-demográficas, a mobilidade social, migrações internas, agravadas pela Planificação predominantemente econômica, estão criando, na região, uma civilização de massa.

7. Que a infiltração de idéias subversivas vem dar a esta situação um clima pré-revolucionário.

8. Quanto à situação religiosa:

- um espírito de fé bastante arraigado em vastas zonas da região;
- uma absoluta adesão à Igreja e total confiança nos seus dirigentes;
- que, nas zonas interioranas, a Paróquia ainda é o centro de vida não apenas religiosa, mas também social e cultural das populações, consti-

tuindo quase uma família em torno do seu Pastor. No entanto, a maior parte dos fiéis vive um cristianismo individualista, apostólicamente passivo, restrito quase que, apenas, aos atos culturais, limitado ao templo e às manifestações religiosas exteriores, sem um sentido de militância nem de comunidade. Por falta de preparação e orientação adequadas, o leigo não tem assumido o seu lugar na Igreja e nem atuado nas estruturas econômicas, políticas, culturais e sociais.

**Apoiamos a SUDENE**, nascida em parte do anseio e da insistência do Episcopado do Nordeste, como um grande passo para o levantamento econômico da região.

Afirmamos, ao mesmo tempo, a necessidade de uma planificação global que atinja o homem em todas as suas dimensões.

Advertimos do perigo de :

- realizar um programa de desenvolvimento baseado unicamente no primado do econômico;
- imprimir à SUDENE uma linha de ação de inspiração marxista.

Exigimos, como brasileiros e como cristãos, dos Podêres competentes, uma complementação da SUDENE que possibilite um integral desenvolvimento do homem nordestino.

**Exigimos** uma Reforma Agrária prudente e eficaz, dentro dos princípios da Doutrina Social da Igreja.

**Apoiamos e urgimos** a Sindicalização Rural, realizada através de líderes, devidamente preparados, como um meio de :

- promover a elevação humana e cristã do meio rural;
- pressionar a atual estrutura agrária;
- evitar extremismos ideológicos, subserviências e demagogias.

**Apoiamos e urgimos** o Cooperativismo e o MEB (Movimento de Educação de Base), como meios indispensáveis a uma autêntica promoção do homem nordestino para sua integração consciente e progressiva no processo do desenvolvimento da região.

**Considerando :**

1. Que a Igreja tem uma Doutrina Social definida, com uma visão completa do homem e de seu engajamento total na comunidade, como membro do Corpo Místico de Cristo;
2. Que o comunismo e o capitalismo são soluções unilaterais e desumanas, incompatíveis com os princípios cristãos;
3. Que esses sistemas hoje se arvoram como salvadores do homem e da sociedade;

**Declaramos** a impossibilidade de colaborar com movimentos inspirados nessas doutrinas;

**Desaprovamos** a atitude de simples anticomunismo como infrutífera e contraproducente. E,

**Apelamos** para que os cristãos, unidos entre si e aos seus legítimos Pastores, conscientes de suas responsabilidades se engagem na tarefa premente de um integral desenvolvimento do Nordeste.

4. Considerando ainda a responsabilidade e o decisivo papel dos Poderes Legislativo e Executivo na atual conjuntura política no âmbito municipal, estadual e nacional, **apoiamos, estimulamos e urgimos a criação da Aliança Eleitoral pela Família.**

### **Conclusão**

**Acreditamos** viver uma hora histórica em que à Igreja é confiada a tarefa de dar uma alma cristã a uma civilização que se estrutura. Esse desafio à nossa caridade e ao nosso zêlo levou-nos a uma revisão de nossos métodos pastorais, a um Planejamento e hierarquização de metas e a um esforço comum de união, centro de uma ascética de bens, procurando :

- que nenhuma força fique esquecida ou inaproveitada;
  - que nenhuma força seja desperdiçada em atividades secundárias,
  - e tôdas sejam potenciadas,
- por uma visão completa e objetiva da realidade;
- por um trabalho eficiente de equipe (regional, provincial, diocesano e paroquial);
- em busca de metas claras, oportunas e possíveis,
  - dentro de um Planejamento inteligentemente feito e perseverantemente executado.

Assinam :

- + Eugênio de Araújo Sales, Administrador Apostólico de Natal
  - + José de Medeiros Delgado, Arcebispo de São Luiz
  - + Fernando Gomes, Arcebispo de Goiânia e representante de Dom Helder Câmara
  - + Carlos Coelho, Arcebispo de Olinda-Recife
  - + José Távora, Arcebispo de Aracajú
  - + Expedito Eduardo de Oliveira, Bispo de Patos-PB
  - + João Mota, Bispo de Sobral-CE
  - + Edilberto Dinkelborg, Bispo de Oeiras-PI
  - + Gentil Diniz, Bispo de Mossoró
  - + Manoel Tavares, Bispo de Caicó
  - + José Mauro, Bispo de Iguatú-CE
  - + Vicente Matos, Bispo de Crato-CE
- e 43 sacerdotes

## FORMAÇÃO DE JUNIORISTAS

### O JUNIORATO NA FORMAÇÃO DAS RELIGIOSAS

Pe. João Corso, S. D. B.  
do Instituto Teológico Pio XI, São Paulo

#### III — FORMAÇÃO ESPIRITUAL NO JUNIORATO (1)

Ninguém ignora que o pressuposto jurídico e motivo fundamental da instituição dos Junioratos é o apostolado oficial das Religiosas na Igreja (2). Devendo, porém, tal apostolado ser o trabalho de almas consagradas a Deus, que **extravasam** a própria santidade em obras de **zêlo**, fica logo patente que a primeira preparação apostólica é a mesma formação espiritual mais profunda.

Tal verdade é evidente e por isso mesmo facilmente aceita por todos. Aliás em todos tem-se constatado tal aceitação não só teórica quanto também praticamente. É que muitas vezes fêz-se sentir patente e mesmo perniciosa uma certa deficiência de vida espiritual indispensável, justamente por não ter sido oportuna e suficientemente ministrada.

O Juniorato deve cobrir esta lacuna e deve fazê-lo com eficiência, com o fito também de integrar, contrabalançar e correlacionar com os fins apostólicos a formação intelectual e profissional do mesmo Juniorato. Tal eficiência depende de muitos fatores, mas sem dúvida depende de modo particular de um planejamento especial e adequado.

Este artigo quer dar sugestões para o mesmo, apresentando os **objetivos da formação espiritual** dos Junioratos, algumas **medidas oportunas** e um **programa de instrução espiritual** (3).

#### A) Objetivos da formação espiritual do Juniorato

Como nas demais etapas da formação da Irmã, o Juniorato deve ter por objetivo primordial **santificar** a religiosa. Tal santidade, resultado que é dos mais variados elementos (Graça, natureza, personalidade, situações, esforço...), é algo de muito íntimo mas patentemente individual, pessoal.

No Juniorato, porém, pode cada qual ter de mira **objetivos comuns**, sobretudo por pertencêrem à mesma família religiosa. Um destes é o **espírito apostólico**, a **visão apostólica**.

Deve ser objetivo mais importante para o Juniorato que para os ou-

(1) Cf. Revista da CRB, n.º 87, p. 555-571, e n.º 88, p. 621-637.

(2) Cf. Revista da CRB, n.º 87, p. 558.

(3) Queremos advertir ser mínimo o mérito que nos cabe neste artigo. Reduz-se ao esforço de condensação e fácil adaptação do cap. III de "The Juniorate in Sister Formation" já várias vezes citado. Não podemos deixar de assinalar o trabalho maior de fiel tradução da Rev. da sra. Madre Lucilla Lang, Rel. do Cenáculo, do grupo de trabalho de São Paulo.

tros estágios da formação. No postulado e noviciado, de fato, o esforço primordial deve ser o da purificação, do desprendimento, sem o que não é possível a orientação total para Deus, para se viver só de Deus e em Deus, com o total despojamento dos apoios naturais e sociais. São períodos êstes de aprendizado da meditação, silêncio, recolhimento, exame metódico da consciência, contrôle. São empenhos inteiramente pessoais. E bem que tudo isso não já desvia do apostolado mas orienta fortemente a alma para o zêlo apostólico e faz compreender que tôda a atividade externa da vida religiosa tem, deve ter êsse sentido apostólico; bem que nestes períodos devam já as formandas aprender e viver intensamente a Comunhão dos Santos e serem apóstolas na contemplação; deve haver durante os mesmos uma decidida e oportuna limitação desta formação apostólica; não pode faltar uma reclusão do mundo, mais rigorosa, por motivos psicológicos que desde muito se provaram e justificaram. Não que haja algo de "mundano" no apostolado. Mas é que o mundo deverá ser contemplado de um modo novo, depois de ter sido esquecido, depois de ter a alma aprendido a olhá-lo com calma, clarividência e perspectivas sobrenaturais.

No Juniorato, ao invés, a formação espiritual deve ter cunho de formação eminentemente apostólica, completando a mesma formação religiosa em elemento primordial.

A Mestra, porém, não poderá deixar de voltar continuamente aos fundamentos da espiritualidade, já ministrados no Noviciado. Eles só podem ser realmente apreendidos e suficientemente vividos com muita e insistente repetição, durante tempo prolongado. Mas não poderão ser meras repetições e muito menos repetições feitas a esmo, com apresentação desconexa, ao léu do humor e devoção da Mestra, segundo as mais variadas espiritualidades hauridas das últimas novidades bibliográficas ou de conferências várias.

Nesse treino de formação espiritual das Junioristas deve ao menos haver algum plano, alguma ordem. Com relação ao Noviciado e Postulado deve haver certa consistência e continuidade fundamental, um esforço para atingir uma profundidade maior, certo arejamento, certa novidade de apresentação e um estímulo nôvo, adaptados ao caráter peculiar desta etapa de formação em que os princípios de espiritualidade começam a encontrar-se com a experiência das novas situações reais.

Podem as instruções diárias e exercícios diversos promovidos pela Mestra das Junioristas ter uma tríplice meta: 1) Aprofundamento e renovação do que já foi aprendido no Noviciado; 2) Apresentação, em primeira mão, dos assuntos que se não puderam apresentar até a primeira profissão; 3) Esfôrço concentrado para quanto diz respeito às virtudes e atitudes peculiares do próprio período do Juniorato.

Com atenção especial às metas 2 e 3, que são mais específicas da Mestra de Juniorato, poderá ela concretizar seus esforços nos seis itens que seguem.

### 1) Ampliação da visão apostólica

O espírito de apostolado pode ser cultivado visando-se as razões, os fins e os modos do mesmo.

Quanto aos **modos**, poderão ser deixados para o período subsequente ao Juniorato, contanto que as Junioristas saibam então da existência dessas técnicas de apostolado, que as procurem e entendam.

As **razões** e os **fins** poderão com grande vantagem serem apresentados nos anos de Juniorato. Deverá mesmo fazer-se um verdadeiro treino espiritual e intelectual relativo aos mesmos, num mútuo intercâmbio de **motivação** e **vivência**. "Assim, das grandes verdades, como a da Inabituação Divina, vida criadora da Trindade, incorporação dos Cristãos no Corpo Místico pelo batismo, natureza e dimensão das virtudes sociais infusas, procederão razões para têrmos a mentalidade cristã, em vez de uma mentalidade exclusivamente diocesana, paroquial ou restrita à família religiosa; uma mentalidade mundial em vez de vistas meramente nacionalistas; preocupação com finalidades sociais em vez de metas individualistas. As grandes verdades teológicas devem ser vividas imediatamente na oração litúrgica, sendo importante assinalar-se que esta oração é subjetivamente comunitária pelo fato de ser feita em conjunto, e objetivamente comunitária pelo fato de ser dirigida às intenções de tóda a igreja" (4).

Faz-se mister evitar a piedade apostólica meramente emocional. A jovem Irmã deve compreender logo em que consiste o apostolado. Deve conhecer de modo realista as verdadeiras necessidades humanas e espirituais. Ter visão clara e até científica das necessidades ingentes do mundo inteiro. Conhecer o sentido das intenções do Santo Padre. As obras de misericórdia da própria Congregação. Visão geral a respeito de escolas, hospitais, obras sociais. Tudo numa visão não fragmentária, mas científica, ordenada, capaz de sustentar um plano de ação pessoal de significação universal.

Com base nestes pressupostos a vocação deverá ter uma nova apresentação, sublinhando-se o sentido da **doação**, da imolação da caridade, mediante as inevitáveis renúncias de quem quer distribuir suas riquezas aos demais. Uma compreensão profunda da Igreja eliminará qualquer resíduo de romantismo ou egoísmo a respeito da vocação.

Pode tornar-se frequente a esta altura uma grande dificuldade para muitas Jovens Irmãs. A tentação de julgar prejudicial para as almas que esperam pelo nosso trabalho, o longo tempo empregado nos estudos. Cabe então à Mestra a a tódas as suas colaboradoras fazer-lhes entender o verdadeiro sentido de apostolado, à luz da fé, dentro dos princípios da própria espiritualidade, que lhes deverá fazer entender ser já uma grande e fundamental obra apostólica o formar-se paciente e eficientemente para o mesmo apostolado. Será mesmo uma verdadeira escola de formação à **paciência** qual antídoto à precipitação e impetuosidade, tão prejudiciais sobretudo no começo do apostolado, antídoto de modo particular do grande perigo futuro do naturalismo, quando estiverem às voltas com as técnicas do apostolado.

Cabe sobretudo às professoras apresentarem a essência e conteúdo do apostolado. Matérias primordiais para tal, são a filosofia social e ciên-

(4) The Juniorate in Sister Formation, p. 59.

cias sociais. Tudo deve concorrer para a formação integral apostólica do Juniorato e tudo de fato já de per si para tal concorre. As professoras, porém, devem tê-lo de mira de antemão mediante planejamento oportuno.

É patente na Const. "Sedes Sapientiae" e Estatutos Anexos a importância atribuída pela Santa Sé a essa mentalidade apostólica. É a única solução de equilíbrio entre vida profissional e cultural e vida interior profunda. Para os liturgistas vem a ser o resultado do culto comunitário. Para os psicólogos é o ponto de contacto entre saúde mental e saúde espiritual. Mais adiante trataremos de focalizar os elementos componentes dessa mentalidade apostólica e de sugerir programas concretizadores dos mesmos.

## 2) Conciliação da iniciativa com a obediência

Para a formação da visão apostólica dever-se-á no Juniorato desenvolver amplamente o espírito de iniciativa dentro da prática da obediência.

Isto significa que conservará sempre sua importância primordial a obediência cega aprendida no Noviciado. Até nossa morte haverá ocasião de praticá-la, com grandes vantagens de ordem ascética no esforço de conseguir a morte da vontade própria, e de ordem social para a realização de obras comuns.

No Juniorato, pois, deve haver obediências mais detalhadas que na vida de religiosa antiga. Mas há que se evitar com todo o empenho a formação de autómatos sem iniciativa. À Mestra cabe esta grande e delicada tarefa de dar ao Instituto, depois de dois ou três anos, religiosas cheias de iniciativa, de responsabilidade, e ao mesmo tempo obedientes a toda a prova. Deverá para isso teórica e praticamente inocular-lhes a convicção de que a iniciativa é o exercício de talento, ousadia, imaginação, interesse na obra, dentro e nunca fora do quadro da obediência que lhes foi dada, e ao serviço da comunidade.

A Juniorista deve aprender a receber ora um sim ora um não, ora uma incumbência de que se desempenhará sozinha dentro das diretrizes recebidas, mais ou menos pormenorizadas. Aprenderá destarte a empenhar-se pessoalmente, em profundidade, mas não já por mero ativismo (que é o obrar independentemente de Deus) antes, sob o signo da obediência que é a mesma Vontade de Deus significada.

A esta altura da formação deverá a jovem religiosa aprender a obediência não mecânica mas racionalmente. Dará assim vida à sua obediência, não com sua execução só material, só porque é observada, mas procurando dar-lhe o máximo de rendimento pelo esforço que busca não só a letra da observância mas ainda o seu espírito. Não deverão assim chamar-se de desobediências formais os insucessos de que é irresponsável por inépcia ou por falta de previsão; mas não deverá isentar-se de responsabilidade nos insucessos devidos à falta de empenho total e de advertência prévia que oportunamente deveria fazer a jovem Irmã a quem lhe deu uma obediência.

É este o tempo de fazer entender à religiosa qual deve ser sua atitude para com Deus no que concerne à obediência. — Há, de fato, perigo

de pintar a obediência como mágica e não já como virtude. Se Deus só abençoa a quem obedece, não quer dizer que tal bênção seja sempre constável. Nem se deve ensinar que Deus deixará de cooperar com a causa segunda que age fora ou contra a obediência. Deus não é alguém que está continuamente a controlar, a cercear, a punir. Deus quer uma colaboração livre, espontânea, esclarecida, e só ser muito longânime também diante de nossas imperfeições. O que não quer dizer que se não deva ensinar claramente a malícia da desobediência.

Temos necessidade ingente de Irmãs especializadas, seguras, capazes de grandes obediências, não paralizadas pelo medo de errar e ao mesmo tempo não intoxicadas pelo espírito de independência e ânsia do poder. Tal deveria dar-se sobretudo com toda a professa perpétua. Mas como tudo isso não se improvisa, já no Juniorato dever-se-á ir alargando a obediência para que as Junioristas se vão convencendo de que, embora cada vez mais entregue a si mesmas, devam estar sempre e decididamente vinculadas à Comunidade como instrumentos aptos para a tarefa comum.

### 3) Conciliação do esforço para a perfeição pessoal com o espírito de equipe

Subsídio excelente para formar a mentalidade apostólica e o verdadeiro espírito de iniciativa, dentro do quadro da obediência, é um bom espírito de equipe.

Cabe seu desenvolvimento sobretudo ao Juniorato, porque embora as aspirantes à vida religiosa já saibam muito de equipes, grupos, partidos, e, dada a idade mais ou menos igual, os agrupamentos entre elas seja coisa espontânea, no Postulado e Noviciado devem as Mestras inocular na futura religiosa o amor à solidão, em Deus. No que nada há de cruel ou artificial. Começa a fazer-se pela quebra dos laços exteriores e vai se aperfeiçoando pelos diversos processos do isolamento, como, por exemplo, pelo do silêncio e sobretudo do grande silêncio, com a proibição de se comunicar com as professoras, salvo com a Mestra, etc... Aos poucos deveria a Postulante e a Noviça ir aprendendo a ficar sôzinha, em Deus, até nos recreios em comum, para no futuro saber manter sempre essa reserva própria da união com Deus no meio dos maiores e estafantes trabalhos apostólicos, se quiser viver uma vida que mereça o nome de religiosa.

Ao receber então novas Professoras pode encontrar-se a Mestra das Junioristas distanciada destas como o centro da periferia. Isso não deve perdurar muito tempo. Haveria perigo de futuros apostolados isolados e individualistas, ciúmes, ambições do poder, apêgo ao ofício e ao lugar, medo de substituição por outrem mais competente e mais estimada, todas fraquezas ameaçadoras da caridade, tão fundamental para a vida de comunidade com objetivos comuns. Será então tarefa das formadoras no Juniorato corrigir esses desvios mediante a formação para o trabalho em equipe, e sobretudo do espírito de equipe.

No Juniorato faz-se mister insistir no empenho do **bem comum**. Re-

pita-se ser importante dizer-se que "nós" aprendemos, que "nós" nos tornamos mais aptos para os diversos apostolados. Quem tem menos capacidade, p.e. para o estudo, deve se alegrar com as mais dotadas. As mais dotadas devem usar parte do seu tempo para ajudar as que precisam de auxílio; fazer perguntas nas aulas que essas não terão coragem de fazer. É preciso haver troca de "luzes" nas discussões em grupo, evitando-se o monopólio da palavra durante as mesmas por parte de uma ou de outra. Devem exercitar-se a se alegrarem pelo "bom" e não pelo "mau". Deve-se fugir como de algo "mundano" a excessiva busca de afirmação das próprias idéias e iniciativas, mas deve-se procurar não esconder quanto elas têm de factivo em favor do grupo. Se jovens adolescentes se habituam a admirar não já o jogador individualista mas o que constrói para o melhor resultado final do conjunto todo, como não haverão de compreender e querer, jovens religiosas, por motivos sobrenaturais, o trabalho e os resultados do esforço comum?

Tal finalidade pode conseguir-se sem desperdício de tempo e sem prejuízo das realizações individuais. As mais dotadas enriquecerão a comunidade e o trabalho comunitário mas tôdas devem participar do mesmo, da planificação, das esperanças, das metas, dos êxitos e dos fracassos.

Hão de discutirem-se os meios. E a Mestra não receie a discussão com todo o grupo em conjunto. A tendência de tratar com cada uma em particular pode ser prejudicial sobretudo no futuro. A solução conjunta de problemas forma para a compreensão, colaboração, amor do bem comum.

Incutir o espírito de equipe, porém, não significa para a Mestra despojar-se da autoridade que tem e à qual compete dar, com responsabilidade, o veredicto final. Significa dar-se à tarefa de desenvolver no grupo o espírito de **doação total** generosa e espontânea pela comunidade, dentro da aceitação necessária da diversa distribuição de dons feita por Deus para cada um. Fará entender que o espírito de equipe é composto de **humildade, caridade, e zelo apostólico** e procurará correlacioná-lo com os relativos artigos da Regra e Constituições da Comunidade.

#### 4) Desenvolvimento no espírito do Instituto

O Juniorato é o tempo por excelência da aquisição profunda do espírito do próprio Instituto.

De fato, o Noviciado não pode fazê-lo cabalmente já por falta de tempo (há que apresentar-se durante o mesmo todo o arcabouço da espiritualidade geral e peculiar) já porque a noviça não pode encontrar-se em contacto com as situações apostólicas próprias da sua Congregação. Também a Juniorista não se encontrará na vida ativa propriamente dita. Terá, porém, mais contactos com a mesma e a estudará específica e intensamente. Estará então em situação ideal para compreender todo o significado da própria incorporação em determinado Instituto oficialmente aprovado pela Igreja para um apostolado especial.

Se tal preocupação deve ser, segundo a Const. "Sedes Sapientiae" e

Estatutos Anexos (5), também a preocupação do Curso de Pastoral dos novos sacerdotes religiosos, depois de tantos anos de formação e também de trabalho, com muito mais razão deverá ser preocupação primordial da formação do Juniorato.

### 5) Exercícios espirituais nas condições da vida ativa

Cabe, sem dúvida, ao Juniorato ensinar à jovem religiosa de vida mista saber fazer seus exercícios de Comunidade dentro das condições da vida ativa. Ela deve ser aos poucos instruída e exercitada no consoante às possíveis e mesmo inevitáveis exceções impostas pelo apostolado. Deverá aprender a não se impressionar se, **dentro sempre da obediência**, deva fazer práticas de piedade fora do tempo e do lugar comum. Uma falta de formação a respeito pode ser causa de relaxamentos futuros.

O Juniorato deve insistir sobre a **regularidade** e reforçar as instruções relativas do Noviciado. Jamais, de fato, se deverá fazer entender às Junioristas que incumbências pessoais as dispensem dos exercícios comuns. Mas há três conjuntos de circunstâncias especiais comuns na vida da professa a que deve a Juniorista ser treinada oportunamente.

a) Para Institutos em que as professoras devem fazer **livremente** certas práticas, como o têrço, leitura espiritual, etc., quer sistemática quer ocasionalmente, deve a Mestra controlar a jovem religiosa no seu planejamento de horário para as mesmas e mesmo ajudá-la positivamente.

b) Muitas vèzes dever-se-ão "fazer depois" certos exercícios. Será bom oferecer essa oportunidade para a Juniorista a fim de que aprenda a ter a responsabilidade pessoal relativa.

c) Não faltarão ocasiões de deverem fazer-se exercícios em condições desfavoráveis, como de trabalhos, assistências, viagens, etc.. Seria pernicioso não formar as Junioristas para essas eventualidades. Se não aprenderem a fazê-los tão perfeitamente como em outras condições favoráveis, ou sofrerão mais tarde de escrúpulos infundados e perniciosos, ou entregar-se-ão ao desespero ou desânimo resignando-se a um cumprimento medíocre dessas obrigações.

Ótimo objetivo de estudo em equipe (melhor de pequenos grupos) é a procura dos meios para conservar o fervor nessas circunstâncias mais difíceis. Evitando-se exibicionismo, com humildade e sinceridade, êsse esforço seria muito positivo, a começar da constatação de que essa é uma dificuldade comum.

Não pode faltar a formação devida para o uso dos meios de informação do mundo moderno, tão caracterizados pela enorme porcentagem de distração que trazem consigo, a saber, imprensa, rádio, cinema, televisão. A religiosa não deveria ser privada do que têm de **bom e positivo**. Dada, porém, a sua vocação, deve aprender a não buscá-los por mero **divertimento**, aliás muitas vèzes proibido e frequentemente de impecilho para a vida interior.

( 5) "Sedes Sap.", n. 37, Est. Anexos, art. 47, 48.

Aos poucos deverá a Juniorista ser posta na situação da religiosa ocupada com muitas coisas. Virão então as preocupações excessivas a persegui-la também nas práticas de piedade. Deverá então ir apreendendo de um lado a afastá-las peremptoriamente de sua mente, de outro a incorporá-las à sua oração para integrá-las na sua mesma vida de piedade. Nunca se lhe dará a sugestão de abandonar o trabalho em questão.

Um só programa de televisão ou um filme, por exemplo, pode interferir na mente da religiosa nas orações da noite, no grande silêncio, na meditação da manhã. Para a postulante e a noviça poderá ser totalmente ou parcialmente proibido. Para a Juniorista convirá ensinar, nesses casos ou semelhantes, a oração da **pessoa ocupada** e não a oração da **reclusa**.

Queremos dizer que deve haver sugestões e aplicações, dadas e estudadas em público e em particular, dos meios e modos de controle e fixação dos pensamentos e desejos. Podê nisto ajudar muito a psicologia. De modo particular deve-se aproveitar de tudo para a vida de oração. Deve-se ensinar a ver todas as coisas com a visão de uma consagrada a Deus. Até durante um possível programa de TV, na leitura de uma peça literária, deve haver a oração da alma de Deus, que tudo vê sob o prisma da própria transformação em Deus. A visão do mundo contemplado sob o prisma do Corpo Místico de Cristo pode salvar a religiosa das preocupações consigo mesma ou com meras banalidades.

Se até dessas experiências portadoras de perigos e distrações deverão tirar-se vantagens de formação, esforço especial se fará para coordenar os estudos com a vida espiritual. É um esforço que se deverá fazer em todos os estágios da formação, e em toda a vida. Mas deverá ser empenho específico do Juniorato. Para o que muito valem as experiências das Irmãs mais antigas. Há que falar-se muito deste empenho fundamental. Os estudos mesmos devem ser integrados na mesma vida espiritual.

Quanto a isso há quatro coisas que se deverão ter bem de mira.

a) Deverá ser esse um empenho particular da Mestra. Deverá sugerir livros que facilitem o trabalho, como os livros de **Sertillanges**, e outros de metodologia.

b) As docentes do Juniorato, sobretudo, devem ensiná-lo com o próprio exemplo e com referências oportunas nos seus ensinamentos diversos que poderão muitas vezes se prestar para tal. Poderão, p.e., apresentar o aparente paradoxo da Igreja a exigir de uma parte imolação total pelos bens eternos e a ser doutra a guardiã da ciência, da arte, de toda a cultura verdadeira e elevada.

c) O mesmo estudo deve ser apresentado como uma obra específica do Instituto e um comêço do apostolado e, nos momentos em que exigir sacrifícios, um meio de mortificação e autodisciplina. Para tanto, e para formar à responsabilidade, a Mestra pode pedir contas frequentes das Junioristas sobre o emprêgo do tempo. Dever-se-á frisar de modo especial ser a cultura muitas vezes a condição indispensável para qualquer eficiência no apostolado, sobretudo para eliminar em muitos a mentalidade de

que a religião é algo de insípido, sentimental, excêntrico, sem base cultural.

Não se hão cansar as Junioristas com sermões sobre a gratidão pelas vantagens da formação que lhes é facilitada, nem manifestar muita compaixão pelo rigor dos programas. As jovens são naturalmente generosas. E há que estimular-se tal entusiasmo pelos estudos mais custosos pois isso trará os melhores resultados para toda a vida, na formação para o cumprimento disciplinado e perseverante do dever mais oneroso. O estudo há de considerar-se uma verdadeira prática ascética. A negligência frequente no mesmo é sinal de rápida desintegração da espiritualidade da religiosa. Para um Instituto de ensino deve constituir uma verdadeira provação. É um grande meio de santificação já no tempo de formação e em função do futuro.

d) A Mestra deverá ter grande prestígio cultural também em relação às demais professoras. Deverá assim não permitir a impressão de que o treinamento acadêmico está mais avançado que o espiritual. Deve dar o exemplo pessoal de grande amor ao estudo. Demonstrará dominar perfeitamente ambos os campos da formação do Juniorato.

#### 6) Conciliação entre provação e verdadeira formação

É um objetivo muito importante a ter-se de mira, com vistas na profissão perpétua.

O sentimento da **provação** é muito salutar. É gerador de humildade e valoriza muito a profissão perpétua, mesmo que se possa correr acidentalmente o perigo de uma observância **material**. Mas não se pode esquecer que não se trata só de **provação** mas sobretudo de **formação**.

Não se esteja a cada instante a lembrar às Junioristas de que estão em **provação**. Já o sabem. Poderia isso originar uma observância coagida. Não podem sentir-se constantemente vigiadas.

Embora se trate de mais uma provação, já não é mais a do Postulado e do Noviciado. Deve, de fato, a Juniorista exercitar-se para uma observância mais estrita da Regra, que deve ser professada perpétuamente com mais segurança, por conseguinte com mais espontaneidade.

O medo é perniciosíssimo na formação. Evite-se a **tensão** proveniente da dúvida de ser aceita para a profissão. Tal medo é de séria distração. Elimina a espontaneidade e alegria e não pode permitir verdadeira formação. Nada mais desanimador do que sentir-se considerado como um irresponsável. Excessiva insistência nessa provação pode engendrar dúvidas na própria vocação.

#### B) Algumas medidas, no Juniorato, para a Formação Espiritual

Já mencionamos planos e meios para facilitar a consecução dos objetivos da formação espiritual. Algumas medidas específicas podem ainda ser sugeridas.

### 1) Articulação com o Noviciado

Já falamos no artigo precedente da importância capital da articulação dos diversos estágios de formação (6).

Aqui se faz mister lembrar a importância de uma transição suave do Noviciado ao Juniorato, de modo a ser êste em certo modo e medida uma continuação daquele. Não deve ser, porém, um simples novo começo de repetições e confusões, nem uma rígida conservação de um resto de disciplina do Noviciado, destituída do objetivo de um novo crescimento ou progresso (7).

Os Junioratos são, na quase totalidade, muito novos. Sua organização e mais o seu funcionamento não estão normalmente consolidados. Algumas Mestras de Noviciado, não podendo contar com certeza com o Juniorato subsequente para tôdas, sentiram-se na obrigação de dar um programa completo, ao menos uma vez. Daí o sentirem-se, quiçá, certas Mestras de Juniorato como que desnecessárias e mesmo medrosas de interferirem indevidamente, com críticas implícitas, no Noviciado. Outras partem da convicção de que é impossível ou desaconselhável procurar descobrir os assuntos espirituais apresentados no Noviciado.

Patenteia-se então a necessidade de articulação prévia que se tem apresentado para as religiosas qual problema um tanto difícil, mas que deve ser resolvido com decisão mediante um planejamento devido de toda a formação.

Aqui faz-se mister insistir na necessidade de trazer ao Juniorato um crescimento no sentido de uma maturidade e responsabilidade maiores. O Noviciado teve de combater a independência e o mundanismo e, no bom sentido da palavra, fazer da Noviça uma "criança". Tal disposição, porém, não deve ser fixada na sua primeira forma, pois sem desfazer o trabalho do Noviciado deve haver um esforço em direção ao estado espiritual adulto.

E' preciso eliminar por todos os meios o **complexo de infantilismo** tão encontrado em religiosas defeituosamente formadas no passado, a que aludia Pio XII no discurso de 9 de setembro de 1957 (8) comentado por Gaston Courtois em "Mission de la Religieuse dans le monde d'aujourd'hui" (9).

Além disso, muitos pontos exteriores sôbre os quais o Noviciado teve que concentrar esforços, devem agora ser considerados como coisas já conhecidas e o exercício pode ser orientado mais para a interioridade da vida religiosa.

(6) Revista da CRB, n.º 88, p. 623-623.

(7) Não queremos desprestigiar a formação do Noviciado. A experiência, porém, nos diz que, por diversos motivos e circunstâncias não tem sido sempre ideal e, devemos admitir em princípio, não é suficiente para formar a religiosa adulta, madura. Daí a razão de ser do Juniorato. Mas fica de pé que não se hão de omitir esforços para tornar a formação do Noviciado cada vez mais eficiente.

(8) Conferência ao Segundo Cong. Univ. dos Est. de Perfeição, A. A. S., v. XXV, 1958, p. 38s.

(9) Gaston Courtois, Mission de La Rel. au monde d'aujourd'hui, Ed. Fléurus, 1959, p. 44as.

O Juniorato deve possibilitar à religiosa uma automanifestação melhor do que no Noviciado, podendo assim ser melhor conhecida e orientada. Para isso e em razão disso tenha-se em mente quanto segue sobre a disciplina do Juniorato.

## 2) Disciplina do Juniorato

O princípio fundamental que deve regular quanto diz respeito a qualquer casa de formação e também, por conseguinte, ao Juniorato no tocante à disciplina é que toda a "atmosfera do Juniorato deve auxiliar as jovens Irmãs a viverem **perfeitamente** sua vida religiosa... A vida de comunidade, principalmente, deve prevalecer no Juniorato" (10).

A disciplina do Juniorato, porém, não deve ter de mira tão só a conservação da boa ordem. Deve procurar ainda mais um aprofundamento de formação espiritual e um reforço da vida ascética do Instituto. Por isso mesmo é que, quaisquer que sejam os regulamentos do Juniorato, deverão eles ser observados com **tôda fidelidade**. O espírito reinante no Juniorato deverá ser ascético, fundado na vida de estudo, compatível com a mesma e em função da mesma.

E' êste o tempo mais oportuno da formação para mostrar claramente, não só com o ensinamento ou exortação mas também pela organização da vida religiosa concreta, que **adaptação** não significa essencialmente **facilitação**. Adaptação quer dizer ajustar-se às necessidades atuais. E como nos nossos tempos requer-se maior esforço da nossa parte, mais intensidade na vida e no trabalho, mais autodisciplina sem fraquezas e compromissos, então tudo isso deve ser ilustrado e valorizado ao máximo no Juniorato. Se hoje é maior o perigo de contaminação mundana na vida religiosa, p.e, deve-se entender e querer uma mais estrita observância das Constituições e Estatutos do Instituto, que contrabalance o seu influxo pernicioso.

Ao mesmo tempo que se mantém uma disciplina decididamente segura no Juniorato, que seja uma guerra sem tréguas contra o espírito de comodismo e relaxamento, deve-se proporcionar às Junioristas o que pode chamar-se de **lazer espiritual**. Não se trata de um afrouxamento nos estudos ou no esforço espiritual. O verdadeiro sentido é duplo: primeiro, lazer para a oração; segundo, espaço para se mover, com certa liberdade, por assim dizer, dentro do tempo dado à oração. — Se o Juniorato é verdadeiramente um tempo de formação, então o horário não deve ser tão apertado que nunca possa haver um tempo para uma visita a mais ao SS. Sacramento, nem uma leitura espiritual a mais. Se tal inculca a "Sedes Sapientiae" para a formação do religioso sacerdote, que dispõe de tanto tempo de formação, com muito mais razão se deverá inculcá-lo na formação da religiosa, que, por assim dizer, não pode ser levada à maturidade "a jato", sob grande pressão. Um programa de Juniorato que, sob rótulo de formação espiritual, se sobrecarregasse de um grande número de horas de trabalho por semestre, seria suspeito. — Um segundo tipo de **lazer espiri-**

(10) Pe. Elio Gambari, a.c. p. 207. Estatutos Anexos, art. 23, § 1, p. 45. Cân. 587 § 2.

tual deve existir dentro do tempo destinado especificamente à oração. Não estejam, pois, todos os minutos do tempo de oração cheios de orações prescritas, de modo a cansar demais a jovem religiosa, a afogá-la e fazê-la sentir-se oprimida, sem nunca ter liberdade para seguir sua devoção, ou realizar sua relação pessoal com Deus na oração (11).

Pode ser já um choque para as Junioristas sentirem-se privadas das consolações e fervor sensível do Noviciado. Esta é uma experiência comum para os religiosos que passam do Noviciado para o tempo assim considerado **mais árido** dos estudos. — Se estudam como devem, poderão levar à oração mentes cansadas ou absorvidas pelos caminhos novos do saber.

Quando noviços levavam à oração corpos cansados mas mentes sistematicamente isentas de outras distrações e por isso prontas para aprender as coisas do espírito. Tal reviravolta necessária é um ponto em que as Junioristas deverão receber esclarecimentos para que não se sintam erradamente no desagrado de Deus. Deverão também ser auxiliadas para que não se sintam excusadas do esforço por causa do cansaço e da preocupação intelectual. Tal esforço deve ser a constante na vida de qualquer trabalhador intelectual ou de quem deve tratar com outrem. As Junioristas, pois, devem considerar este período como o mais oportuno, e até mais do que o Noviciado, para aprenderem a rezar bem segundo o modo da Irmã professa empenhada nas atividades da vida apostólica. No Juniorato tudo deve ser planejado para tornar tudo isso possível.

Quando as aulas são exclusivamente para as Irmãs, será mais fácil cercá-las de subsídios em função do recolhimento. Há quem reze, p.ê., a coleta da Missa do dia, regularmente, antes de algumas aulas. É um meio interessante para viver a vida litúrgica e intercalar oração com trabalho. O fato de mudarem cada dia as orações é um antídoto contra a rotina e favorece um grande número de relações com a matéria apresentada nas aulas. Tem grande valor para as alunas que, constatando nas professoras valorização da oração litúrgica; aprenderão também essa espécie de recolhimento.

Não importa seja ou não possível esta prática particularmente indicada. Outras talvez mais oportunas poderão ser ideadas e experimentadas. O que importa é individualizar bem o espírito com que serão atuadas. E um móvente primordial é o esforço da Mestra de Junioristas de fazer participar todo o corpo docente da obra da formação espiritual, como já foi dito em artigo precedente (12). Não nos referimos à direção particular, pois ela compete à Mestra, mas da tarefa geral de formação espiritual do grupo. Se a mestra torna evidente ao corpo docente que não considerará tal função de sua competência exclusiva, mas antes, pelo contrário, solicita o auxílio das professoras, estas lhe darão certamente. Um esforço para fomentá-lo re-

(11) Na participação à S. Missa, p. ex., deve haver, segundo a Instrução de 3 de setembro de 1938, Cap. III, A), sobretudo para adultos, vários momentos de silêncio em que se dá largas à atividade pessoal espontânea.

(12) Revista da CRB, n. 88, p. 634.

sultará em vantagem também para as mesmas professoras. Poderá haver certas repetições e até confusões. Na discussão em equipe, porém, o grupo das professoras poderá organizar-se melhor e evoluir num sentido de entrosamento prático que pode vir a ser, no futuro, precioso legado a incorporar-se nas tradições do Instituto.

É doloroso dizer-se que pode haver nesse trabalho ciúmes, espírito de apêgo, ambição do poder, num grupo tão seletivo qual deveria ser o corpo docente de um Juniorato. Tal situação seria calamitosa e por isso faz-se mister preveni-la e fustigá-la, caso existisse. Caberá sobretudo à Mestra com o seu exemplo aceitar a colaboração mútua e entrosá-la eficientemente. Poderá haver dificuldades e poder-se-ão exigir renúncias. Oportunamente resolvidas e aceitas serão exemplo magnífico para as Junioristas que assim aprenderão lição preciosa para a vida em comunidade.

Todo o educador deve ter por mira pôr os discípulos em condição de não precisarem mais dele. Diversamente terá falhado na sua missão. Assim também a Mestra deve fazer de modo tal que, no fim do Juniorato, a Juniorista não precise mais normalmente dela. Se se der o contrário, dever-se-á reconhecer que houve algo de errado. No fim deste período a jovem Irmã deve saber que uma certa direção espiritual compete somente às superiores, que certa espécie de confiança espiritual deve ser feita raramente e com reserva, e que certas coisas deverão ser aprendidas espiritualmente de cada Irmã com a qual tiver contacto. Sua visão deverá ter sido aguçada para que ela veja esta luz individual brilhando em cada pessoa cujo reflexo pode ajudar a iluminar uma pequena parte do seu próprio caminho. Demonstrar praticamente que tal não se pode conseguir nem em relação ao corpo docente de um Juniorato, que deveria ser sempre uma elite, é privar a jovem religiosa naturalmente, com isso, mal informada a respeito, de um precioso sustentáculo na vida de comunidade.

Última sugestão de grande importância é a divisão das Junioristas em classes ou grupos quer em atenção às suas possibilidades de receptividade, quer em função do progressivo adiantamento espiritual proporcional ao correr do tempo destinado ao Juniorato, sobretudo no aumento de responsabilidades que se irão aos poucos dando às Junioristas que deverão gradualmente ir-se aproximando da vida ativa. Isto vem lembrar-nos a necessidade de proceder no delicado trabalho da formação espiritual do Juniorato com programas bem determinados e especificados até os últimos particulares.

(No número seguinte da Revista continuaremos este artigo sobre a formação espiritual do Juniorato, apresentando a sua terceira parte: C) **Programa de Instrução Espiritual**).

## MEDIDAS JURÍDICAS PARA O EXERCÍCIO DO DIREITO DE VOCAÇÃO ANTES DA MAIORIDADE

Juiz Cristovam Breiner

Tôdas as formas da atividade humana constituem direitos que devem encontrar na legislação dos povos cultos a devida proteção. Assim não pode deixar de acontecer com o direito de vocação, isto é, o direito que todo indivíduo humano tem de seguir suas tendências e inclinações, dentro do quadro vastíssimo, é claro, da normalidade. Não se poderia nem pensar, como é evidente, em direito de vocação para o crime e outras formas antisociais de comportamento.

Ao direito compete dar à pessoa que, de fato, sente uma vocação, os meios legais de realizá-la, liberta dos empecilhos que se possam antepor-lhe, no sentido de obstar a realização de seu objetivo.

Depois dos dezesseis anos, quando a pessoa passa para o regime da assistência paterna, materna ou tutorial, conforme o caso, já o problema pode surgir.

Tanto para o homem como para a mulher a situação é a mesma. Aos dezesseis anos a pessoa assume o direito de realizar os atos de sua vida civil, sob a assistência de seu responsável, que até então era seu representante e sem a participação dela. Agora é a pessoa que age, porém assistida.

Manifesta um menor de capacidade relativa, entre dezesseis e vinte e um anos, vocação religiosa. Encontra da parte de seus responsáveis uma oposição decidida, como é comum, mesmo em famílias católicas, devido à ignorância religiosa ainda dominante. Se se retardar a satisfação da vocação até depois dos vinte e um anos, pela maioridade, é quase certo que a vocação se desvanecerá e há muito quem trabalhe para isso.

Em caso de vocação verdadeira e profunda, de pessoa normal, é preciso que se ensine à pessoa o caminho que deve procurar, para vencer os obstáculos e atingir a seu desiderato.

O menor relativamente incapaz, que pela sua cultura, pelos seus dotes de personalidade, tenha manifestado uma vocação religiosa, com oposição de seu responsável, no caso simples assistente, o caminho é a proposição de um pedido de suprimento judicial de consentimento. Procurar um bom advogado, que apresentará em juízo o requerimento do suprimento e acompanhará o processo. O responsável, qualquer que seja êle, será ouvido pelo juiz e a pessoa interessada apresentará prova de sua normalidade psico-somática, sua cultura, sua situação de capacidade econômica para manter-se na comunidade religiosa em que pretenda ingressar.

Se a mulher pode casar desde os dezesseis anos completos, é lógico que poderá também ingressar em vida religiosa, nessa mesma idade, de-

pendendo para isso, como para casar, de consentimento paterno e materno ou de tutor, podendo ter suprido o consentimento, como pode para casar. O juiz pode suprir o consentimento dos menores normais, desde que já tenham atingido dezesseis anos.

Se a pessoa já contar dezoito anos completos, então o direito lhe reconhece uma situação mais favorável, concedendo a emancipação, por ato do pai, na falta deste, da mãe, ou então pelo juiz que ouvirá o tutor.

Também o casamento, antes dos vinte e um anos, emancipa automaticamente. Por exemplo, um menor de vinte e um anos, que venha a ficar viúvo (ou viúva), poderá ingressar em vida religiosa, sem qualquer formalidade, porque já se emancipara pelo casamento, que a morte do cônjuge veio desfazer.

Também se emancipa o menor de dezoito anos, estabelecendo-se comercialmente, com economia própria. É uma hipótese difícil, por isso mesmo rara. Dada porém a emancipação, está livre o menor para seguir sua vocação, sem necessitar de autorização de ninguém. O mesmo acontece com a nomeação para emprego público efetivo.

Como nosso direito não cogita, pelo seu caráter absolutamente laico, de qualquer fato ou condição religiosa, não pode o menor alegar em juízo, que pede a emancipação ou o suprimento de consentimento para ingressar em vida religiosa. Além de prova da idade, deve provar também a sua condição econômica. Deve provar emprego ou posse própria de patrimônio de cuja renda possa manter-se independentemente de auxílio de outrem.

O essencial é encarregar do processo um bom advogado, que se não descuide das provas que deve apresentar, para convencer o juiz da procedência do pedido.

O melhor, entretanto, seria que os pais compreendessem esse direito dos filhos de seguir, desde a mocidade, sua vocação, resolvendo o problema diante da justiça divina, sem precisar o filho de chamar seu pai ou responsável perante a justiça humana, que, em geral, não tem recursos para conceder o suprimento com base nos motivos espirituais. O modelo deve ser o velho Martin, pai de Santa Teresinha, que entregou a sua princesinha ao Carmelo, pronunciando seu *fiat*, embora com o coração ensombrado de saudades e os olhos, por certo, marejados de lágrimas.

Nas lições da psicologia, podem os pais encontrar explicações sobre os perigos das vocações contrariadas e nas lições dos mestres de espiritualidade, as conseqüências, talvez irremediáveis, para as almas que foram violentamente afastadas de seu caminho luminoso para o céu.

**PADRE TEILHARD DE CHARDIN: SEU PENSAMENTO NO PLANO FILOSÓFICO E RELIGIOSO (\*)**

de "L'Osservatore Romano", 30-6-62

São passados sete anos da morte do Pe. Pierre Teilhard de Chardin, e sempre mais viva é a sua fama. Seus discípulos e admiradores continuam a exaltar-lhe a figura no plano humano e religioso. Muitos deles exaltam-lhe o in-comum valor no plano científico. Os pareceres de outros estudiosos, porém, são discordes no julgar a sua tentativa de síntese cristã do saber. Maiores se tornam as divergências ante a leitura das suas obras póstumas até agora publicadas, e das privadamente difundidas entre os admiradores de Teilhard (1). Pode-se aderir aos que reconhecem a reta intenção do homem e o contributo por ele dado às investigações científicas, e em particular às paleontológicas. Mas não se pôde deixar de ficar perplexo primeiramente, e depois discordante, quando as opiniões do Pe. Teilhard de Chardin se estendem do puro campo científico ao campo da filosofia e da teologia.

Um livro recente do Pe. de Lubac sobre o pensamento religioso do Pe. Teilhard de Chardin (2) (do qual falaremos mais adiante) contém certas críticas ao método usado por Teilhard de Chardin, por exemplo ao fato de serem às vêzes defeituosas as análises conceptuais contidas nos seus ensaios, porque, quando êle trata as grandes questões que preocupam todo homem, as categorias, as noções e os termos por êle usados trazem a característica do ambiente científico que lhe era familiar. A atmosfera que êle respirava era a das ciências naturais (3).

Para nós, êste defeito metodológico é grave e fundamental, porque sôbejas vêzes Teilhard de Chardin faz uma indébita transposição, para o plano metafísico e teológico, dos termos e dos conceitos da sua teoria evolucionista: transposição que é uma das causas das ambigüidades conceptuais e, digamo-lo também, dos erros que se acham nas obras de Teilhard, quer nas editadas, quer nas mimeografadas ou, seja lá como fôr, de outro modo difundidas.

Comecemos pelo conceito de **criação**. No ensaio inédito (mas por muitos conhecido) de 1950, **Le Coeur de la Matière**, lê-se: "No mundo, objeto da Criação, a Metafísica clássica acostumara-nos a ver uma espécie de produção

\*) Reproduzimos, em tradução portuguesa, o comentário que L'Osservatore Romano fazia em seguida ao *Moriturus* do Santo Offício sobre as obras do falecido jesuíta Pe. Teilhard de Chardin.

1) Ver o rol das obras editadas e das inéditas, no livro de Claude Guénot, **Pierre Teilhard de Chardin; Les Grandes Etapes de son Evolution**, Paris, Plon, 1962.

2) Henri de Lubac: **La Pensée Religieuse du Père Teilhard de Chardin**, Aubier, Paris, 1962.

3) Ver *ob. cit.*, p. 123

extrínseca, saída, por benevolência transbordante, da suprema eficiência de Deus. Invencivelmente — e mui justamente para poder ao mesmo tempo plenamente agir e plenamente amar — aí sou levado a ver agora (conforme ao espírito de São Paulo) um misterioso produto de completamento e de acabamento para o próprio Ser absoluto. Não mais o Ser participado de pleromização (4) e de convergência. Efeito não mais de casualidade, porém de União, criadora”.

**União criadora** é um conceito que volta muitas vezes em Teilhard. “A ação criadora, isto é, unificadora, de Deus”, lê-se num artigo “O Espírito nôvo e o cone do tempo” em *Psychè* (5). Ora, do ponto de vista metafísico, sob o qual deve delinear-se o conceito de criação, deve ser pôsto em claro o aspecto de causalidade eficiente (que dá o ser). A criação não se opõe à unificação, mas não é formalmente unificação.

Outro conceito familiar a Teilhard neste assunto é o “Nada”, por êle apresentado de um modo que nos deixa muito perplexo. Este conceito não está contido sòmente no ensaio, já agora velho porque de 1917, *L’union criatrice*, mas é repetido e explicado também no ensaio (inédito) *Comment je vois*, de 1948. Frente a Deus “nos antipodas dêle mesmo” está o “Múltiplo puro” ou seja “**Nada criável**”, o qual é uma virtualidade passiva. Escreve, pois, Teilhard: “. . . Nada criável, que não é nada — e que, no entanto, por virtualidade passiva de arranjo (isto é, de união), é uma imploração de ser, à qual. . . tudo se passa como se Deus não tivesse podido resistir”.

Assim também Teilhard tem expressões que deixam fundadamente crer que êle pensava numa certa necessidade da criação. Na filosofia e na teologia clássica — segundo êle — a criação, “ou Participação” (acrescenta Teilhard), tende a apresentar-se “como um gesto quase arbitrário da Causa primeira”. Em vez disso, naquilo a que êle chama *Metafísica da União*, mesmo reafirmando “a autosuficiência e a autodeterminação do Ser absoluto”, isto é, Deus, Teilhard fala ainda do ato criador divino: “Fruto, de alguma maneira, de uma reflexão de Deus, não mais nêle, porém fora dêle, a Pleromização. . . isto é, a realização do ser participado por arranjo e totalização — aparece **como uma espécie de réplica ou de simétrica à Trinitização. Ela vem, de alguma sorte, preencher um vazio. E acha o seu lugar**”. Conceito êste que é mais expressivamente sintetizado com estas palavras: “Não há Deus (até certo ponto) sem União criadora. . .” (sempre em *Comment je vois*).

Estas citações eram necessárias (e outras poderiam fazer-se) para pôr em evidência as ambiguidades perigosas e os erros que se deparam em certas expressões de Teilhard concernentes ao conceito católico tradicional de criação (reportar-se aos Concílios Lateranense IV e Vaticano I). Quando a “Metafí-

4) Em *Comment je vois*, outro ensaio, inédito, a pleromização é definida como “redução unificadora do múltiplo”.

5) *Psychè*, n.º 99-100, 1955, p. 59.

sica clássica" afirma que, criando, Deus dá à criatura **todo** o ser: potencial, essencial e existencial ao mesmo tempo, isto é, "secundum totam suam substantiam" (Vaticano I, Denz. 1805); quando ela põe em relêvo a perfeita e absoluta liberdade do ato criador, "liberrimo consilio" (Vaticano I, Denz. 1783), não faz outra coisa senão repetir e explicar a doutrina dos dois Concílios. E cremos que Teilhard nem sempre salvou suficientemente estas duas exigências da doutrina católica: dom da totalidade do ser por parte do Criador, excluída mesmo qualquer potencialidade precedente (e a Metafísica clássica quer exprimir justamente êste conceito com as palavras "ex nihilo sui et subiecti"); total ausência de qualquer necessidade, mesmo remota, do ato criador de Deus.

Na sua concepção das **relações entre o Cosmos e Deus**, Teilhard de Chardin tem pontos fracos que não podem ser deixados em silêncio. Explicitamente e muitas vezes afirma êle, é verdade, a necessidade e a personalidade **transcendente** de Deus. Todavia, na lógica do pensamento teilhardiano a transcendência divina não é expressa de modo suficiente. Deus é figurado como suprema unidade que de algum modo incorpora a si o universo: assim, de alguma maneira a unidade divina torna-se participante da multiplicidade cósmica, e, em certo sentido, Deus é tornado mais perfeito pela assimilação do Cosmos. Por exemplo, no citado ensaio **Le Coeur de la Matière** (ao qual Tresmontant chama "a sua autobiografia espiritual") (6), Teilhard afirma: "Por um desses estranhos efeitos de inibição... não me dava em conta de que, inevitavelmente, à medida que, das profundezas da Matéria aos cimos do Espírito, Deus "metamorfoseava" o Mundo — o Mundo, em troca, devia "endemorfizar" Deus". Sempre lendo o mesmo ensaio, fica-se perplexo e tem-se a impressão precisa de que as palavras de Teilhard não querem exprimir apenas um ponto de vista limitado do nosso conhecer, mas sim uma realidade que tocaria também em Deus, isto é, que, em certo sentido, Deus muda, se aperfeiçoa, incorporando a si o mundo; "Sob o próprio efeito da operação unitiva que o revela a nós, de alguma sorte Deus se transforma, incorporando-nos. — Logo, não mais somente vê-lo, e deixar-se envolver e penetrar por Êle, — mas **pari passu** (senão primeiramente) descobri-lo (ou mesmo, em certo sentido, "acabá-lo") cada vez mais outro... Em tôrno de nós, por encontro, da sua atração com o nosso Pensamento, Deus está para "mudar"...". Em outras passagens, Teilhard usou os termos "complexidade" ou "Unidade complexa" falando de Deus. Também no último livro, editado há algumas semanas, **L'énergie humaine**, lê-se: "Deus só é definível como um **Centro de centros**. Nesta **complexidade** (o grifo é nosso) reside a perfeição da sua Unidade (p. 86). Explicitamente êle dá a êstes termos um significado coerente com o seu pensamento, porém mui diverso do da acepção comum, e procura explicá-los num sentido que poderia ser ortodoxo.

Seja lá como fôr, tudo isto não concorre para a clareza das posições;

6) Introduction à la Pensée de Teilhard de Chardin, ed. du Seuil, Paris, 1956, p. 68.

assim, para pouco dizermos, trata-se de ambigüidades que certamente são causa de perigosos equívocos. O conceito de unidade, de ação unificadora, estritamente ligado à sua teoria evolucionista, mais de uma vez é por Teilhard estendido e aplicado também à **ordem sobrenatural**. Inicia-se com um conceito, pelo menos estranho, de Cristo. O "Ponto Omega" é ao mesmo tempo Cristo ressurgido: "O Cristo da Revelação não é outro senão o Omega da Evolução" (**Le Christique**, ensaio inédito de 1955). E, mais adiante: "Cristo salva: Não se deve, porém, imediatamente acrescentar que êle também é salvo pela Evolução?" (ibidem). Em **Le Coeur de la Matière** lê-se, além disso: "Num Universo que se descobria para mim em estado de convergência, por direito de Ressurreição tomastes a posição mestra de centro total onde tudo se congrega". No volume, recém-editado (1961), **L'Hymne de L'Univers**, Teilhard repete o mesmo conceito, porém com maior clareza: "Jesus, centro para o qual tudo se move, dignai-nos de nos dar a todos, se possível, um lugar entre as mônadas escolhidas e santas que, desprendidas uma a uma do caos atual por vossa solícitude, lentamente se agregam a Vós, na Unidade da Terra Nova" (p. 80). No já citado ensaio **Le Christique**, lê-se justamente — e êle diz "em sentido verdadeiro" — a respeito de uma "terceira natureza" de Cristo, não humana, não divina, porém "cósmica"! — Não queremos tomar ao pé da letra e "em sentido verdadeiro" o que Teilhard escreve neste ponto, do contrário tratar-se-ia de uma verdadeira heresia. Mas evidentemente essas palavras aumentam a confusão das idéias, que já não é pouca.

Com êste método é fácil e — digamos — lógico ligar necessariamente entre si **Criação, Encarnação e Redenção**. Com efeito escreve Teilhard: "Criação, Encarnação, Redenção, embora assinalando cada uma um grau a mais na gratuidade da operação divina, não são três atos indissolüvelmente ligados na aparição do ser participado?" (**L'âme du Monde**, ensaio inédito de 1918). Em certo sentido, Teilhard coloca no mesmo plano da Evolução êsses três mistérios: "Não há Deus (até certo ponto) sem União criadora. Não há criação sem imersão encarnadora. Não há Encarnação sem compensação redentora. Numa metafísica da União, os três mistérios fundamentais do Cristianismo já não aparecem senão como as três faces de um mesmo mistério, o da Pleromização" (**Comment je vois**, ensaio já muitas vezes citado). Poder-se-ia fazer uma colheita de textos teilhardianos sobre êste assunto. Mas terminemos com um trecho tirado de **Le Phénomène humain** (ed. 1955): "Mas, em outro sentido também, uma prodigiosa operação biológica: a da Encarnação redentora... Por uma ação perene de comunhão e de sublimação, êle (isto é, Cristo) agrega a si o psiquismo total da Terra" (p. 327). Lendo esta e outras afirmações de Teilhard (cf. por exemplo, o artigo "O Espírito nôvo e o cone do Tempo", em **Psyché**, n. 99-100, pp. 59-60), deve-se verificar que em Teilhard de Chardin não é clara a distinção e diferença entre ordem natural e ordem sobrenatural, e que não se vê como se possa logicamente salvar a total gratuidade desta última ordem, e portanto da graça. Conceitos êstes que são patrimônio do comum e universal ensino católico, e recentemente foram evocados também pela Encíclica **Humani Generis** (Denz. 2318):

Outras críticas importantes podem ser feitas ao pensamento do Pe. Teilhard de Chardin. Após lermos as passagens acima referidas, não nos admira verificarmos que Teilhard não conhece claramente nem sequer os profundos confins existentes entre **matéria e espírito**: confins que, é verdade, não impedem as relações entre as duas ordens (substancialmente unidas no homem), mas que claramente lhes assinalam as essenciais diferenças. — Não o Espírito por evasão para fora da Matéria — nem o Espírito incompreensivelmente justaposto com a Matéria (Tomismo!...), senão o Espírito emergindo (por operação pan-cósmica) da Matéria. — **Materia matrix...** Estas palavras lêem-se numa carta de Teilhard datada de 13 de março de 1954 e publicada na revista *Psyché*, 1955, n. 99-100, p. 9. E sobre este conceito Teilhard insiste também no livro **L'Energie Humaine**, editado — como já se indicou — nas passadas semanas. “Não há, concretamente, Matéria e Espírito: mas existe somente Matéria tornando-se Espírito. Não há, no Mundo, nem Espírito, nem Matéria: a “Etoffe de l'Univers” é o **Espírito-Matéria**. Nenhuma outra substância a não ser esta poderia dar a molécula humana” (p. 74). Na p. 21 do mesmo livro, ainda a propósito de espírito, coerentemente com todo o seu sistema evolucionista, Teilhard escreve: “O fenômeno espiritual não é, portanto, uma espécie de breve relâmpago na noite: êle acusa **uma passagem gradual e sistemática** do inconsciente ao consciente, e do consciente ao autoconsciente. É **uma mudança de estado cósmico**” (o grifo é nosso). E já em **Le Coeur de la Matière** êle escrevera: “O Espírito, estado superior da Matéria”.

Notar-se-á que na mesma página Teilhard adverte que se atém ao ponto de vista puramente científico e experimental. Mas, tratando-se aqui de um assunto eminentemente metafísico e que toca diretamente tantos problemas teológicos, dificilmente podia êle deter-se só no ponto de vista científico, sem correr o risco (como aliás sucedeu) de concluir por algumas afirmações que não é fácil harmonizar com a doutrina católica. Verdade é que a distinção essencial entre matéria e espírito não foi explicitamente definida; porém ela constitui um ponto de doutrina sempre ensinado na filosofia cristã, nessa filosofia que é, segundo diz Pio XII na Encíclica **Humani Generis**, “in Ecclesia recepta et agnita” (Denz. 2323). E a mesma doutrina e, explícita ou implicitamente, pressuposta pelo ordinário e universal ensino da Igreja; por isto justamente, a mesma Encíclica reprova a posição contrária (Denz. 2318).

Naturalmente, no seu pensamento científico-religioso Teilhard de Chardin tem do mal e do **pecado** um conceito original próprio. Trata d'êle ex professo num Apêndice de **Le Phénomène Humain** (pp. 345 ss.). Pelo fim da p. 347, constata um certo “excesso” do mal no mundo, inexplicável para a nossa razão “se ao efeito normal de Evolução não se acrescenta o **efeito extraordinário** de alguma catástrofe ou desvio primordial...”. Alusão clara ao pecado original. Porém Teilhard gosta de considerar o pecado de um ponto de vista coletivo mais do que individual, e, no que diz respeito ao pecado original, mais de uma vez se mostra contrário a uma transmissão hereditária. O que afirma no seguinte passo, Teilhard repete-o, mais ou menos, também em diversos outros; “... explicando-se a necessidade teológica do batismo pela solida-

riedade genérica de todos os homens no seio de uma humanidade (impregnada de pecado por necessidade estática) onde os laços coletivos se descobrem como ainda mais reais e profundos entre indivíduos do que tódta ligação estritamente hereditária" (**Comment je vois**). Sôbre êste ponto o pensamento de Teilhard é muito desconcertante, e não se coaduna com a doutrina do Concílio de Trento sôbre o pecado de Adão (Denz. 790), doutrina retomada pela Encíclica **Humani Generis**, que ensina que o pecado original "procedit ex peccato vere commissio ab uno Adamo, quodque generatione in omnes transfusum, inest unicuique proprium" (Denz. 2328). Nota-o também o próprio Pe. de Lubac: "Que êle (Teilhard) não era teólogo de profissão, talvez seja mesmo aqui (a propósito do pecado original) que melhor o percebemos" (op. cit. p. 168).

Para terminarmos êste exame crítico, que por motivos evidentes não pode ser completo, parece-nos devermos fazer notar ainda uma vez êsse quase naturalizar o sobrenatural, que é próprio do sistema teilhardiano. Queremos admitir que Teilhard, como pessoa privada, tenha tido uma vida espiritual intensa. Evidentemente não pretendemos fazer reparos à sua pessoa, senão ao seu método, ao seu pensamento. E, por isto, não podemos segui-lo nem aprová-lo quando na sua ascese original, depois de Deus coloca o Mundo num lugar e num valor altos demais. Como para muitas páginas, também para a seguinte, de Teilhard de Chardin, faz-se mister redimensionar-lhes o significado, porque a sua pena, prêsas do entusiasmo, leva-o a muito além do justo. Todavia, com vedadeira dôr lemos estas linhas: "Se, em conseqüência de algum transtôrno interior, eu viesse a perder sucessivamente minha fé em Cristo, minha fé num Deus pessoal, minha fé no Espírito, parece-me que continuaria a crer no Mundo. O Mundo (o valor, a infalibilidade e a bondade do Mundo), tal é, em última análise, a primeira e a única coisa em que eu creio. É por esta fé que eu vivo, e é a esta fé, sinto-o, que, no momento de morrer, acima de tódas as dúvidas me abandonarei... A fé confusa num Mundo Uno e Infalível abandono-me, para onde quer que ela me conduza" (**Comme je crois**). São palavras de 1934, mas quão melhor seria nunca houvessem sido escritas!

Poderia alguém objetar às nossas críticas que elas não levariam em conta o fato de, nos muitos escritos de Teilhard de Chardin, além dos textos por nós citados, haver tantos outros que muitas vêzes poderiam anular a interpretação negativa por nós apresentada. Seria preciso, assim, ter presentes todos os textos, e são muitíssimos, para poder julgar Teilhard com objetividade. Nós também sabemos que não poucas vêzes Teilhard fêz afirmações não de todo coerentes, senão às vêzes contrárias ou contraditórias; e queremos conceder que op ensamento de Teilhard tenha ficado numa fase de problematidade.

Todavia, em muitos pontos os seus escritos persistem sempre mais ou menos contrastantes com a doutrina católica.

Certamente, o já citado livro do Pe. de Lubac constitui o mais poderoso estudo até agora publicado sôbre o pensamento religioso de Teilhard de Chardin. O livro põe em relêvo numerosos defeitos de Teilhard, mas, na substância, é uma defesa e um elogio dêle. Nós, porém, com franqueza e lealdade devemos declarar que dissentimos do juízo substancialmente favorável emitido

pelo Pe. Lubac. Os pontos do dissentimento para com o pensamento do Pe. Teilhard de Chardin são bastante mais importantes e fundamentais; pelo que, absolutamente não podemos subscrever o seguinte juízo categórico de Lubac: "...a própria Igreja Católica, essa mãe sempre fecunda... pode reconhecer com alegria haver procriado, em Pierre Teilhard de Chardin, tal como o necessitava o nosso século, uma autêntica testemunha de Jesus Cristo" (op. cit., p. 295). Verdadeiramente o nosso século tem extrema necessidade de autênticas testemunhas de Cristo; mas fazemos votos por que elas não tenham de se inspirar no "sistema" científico-religioso de Teilhard.

Julgamos necessário formular nossas críticas ao pensamento e não à pessoa de Teilhard — repetimos — para alertar os estudiosos, e especialmente os jovens, contra os erros e as ambiguidades contidas nos seus escritos. E, fazendo as nossas reflexões, julgamos ter agido segundo a mente do *Monitum* que no nosso jornal é hoje publicado.

**Pe. Dr. Frei Rafael de União dos Palmares OFMCap.**

**MORAL E MEDICINA EM DEFESA DA PESSOA HUMANA**

Um novo livro, que vem trazer uma orientação sobre os mais recentes problemas da moral e da medicina.

Moral e Medicina se amalgamam na proteção dos direitos invioláveis da pessoa humana.

Médicos, Enfermeiros, Religiosas Enfermeiras, Pais de Família, terão um guia amigo e orientador em suas dúvidas e perplexidades.

A Editora Nacional coube a publicação deste livro que certamente obterá uma ótima acolhida.

Pedidos à: **COMPANHIA EDITORA NACIONAL**, Rua dos Gusmões, 639 — São Paulo.

### III — O VIGÁRIO E OS LEIGOS

Pe. Leão Douven C.Ss.R

Vimos que a incumbência que a Santa Igreja recebeu de Jesus, é continuar sua obra de redenção, ou então: fundar cada vez de novo e cada vez melhor o reino de Deus neste mundo. Entretanto, na Santa Igreja distinguimos entre clero e leigos. Surge, então, a pergunta: qual é, na execução desta tarefa, o papel que cabe ao clero e qual o que cabe aos leigos?

#### O papel do vigário não é sempre o mesmo

No artigo passado enumeramos as quatro principais funções da comunidade paroquial: 1) ouvir com fé a palavra de Deus, 2) prestar-lhe homenagem, 3) levar os fiéis a praticarem a caridade, e 4) esforçar-se por resolver os problemas apostólicos da comunidade.

Em tôdas estas funções é indispensável tanto o trabalho do padre como a atividade do povo, mas as relações entre o padre e o povo são cada vez diferentes. Na primeira função, o padre representa Deus ("munus profetae"): êle "coloca-se diante do povo", dirige-se ao povo. Este mantém a passividade de ouvinte. Na segunda função, durante a Consagração, o padre se identifica com Cristo Sumo-Sacerdote, "separatus ex hominibus". Em outras orações da Missa, êle se torna o representante do povo diante de Deus: fala a Deus em nome do povo.

Na terceira e quarta função, o padre chefia o povo, estimulando-o e orientando-o. Nestas funções o povo é muito mais ativo e cabe-lhe muito mais responsabilidade do que nas primeiras funções.

Esta distinção entre as funções do padre é importante, pois sempre existe para êle a tentação de assumir em problemas de apostolado e caridade a mesma atitude que êle deve assumir no púlpito. Torna-se, então, autoritário e leva o povo à passividade.

Existem até tarefas que cabem pròpriamente aos leigos e não ao clero. Leiamos as palavras de Cardeal Suhard: "Os leigos têm um testemunho próprio a dar, problemas específicos a resolver, reformas a promover, sob sua única responsabilidade. Deixando-lhes o campo livre, a Igreja não cede a uma necessidade supletiva como se estivesse apenas à espera do momento de restituir a padres numerosos e benquistos essa gestão das estruturas temporais. Pelo contrário, e sem nenhuma segunda intenção, a Igreja pensa reservar aos leigos o encargo total da cidade humana. . . Todavia, a tentação poderá ser muito forte,

para o padre, de tomar a si funções que não lhe pertencem, e para as quais apenas os leigos têm a graça de estado. É preciso resistir, mesmo se a eficiência imediata seja fraca, porquanto o papel específico do sacerdote não é, absolutamente, gerir o temporal. Aí termina a sua competência, não porém a sua missão" (citado em "Construir a Igreja", de Thomas Suavet, Livraria Duas Cidades, pág. 179).

Vejamos agora como Th. Suavet esquematiza as funções que os padres de fato executam:

### 1. Entre as ocupações pròpriamente pastorais e apostólicas:

a) Algumas delas, tais como celebrar a Missa, confessar, pregar etc. são reservadas ao padre por causa de sua ordenação sacerdotal;

b) Outras, que não exigem a ordenação sacerdotal, podem ser confiadas também a leigos, mas a autoridade eclesiástica normalmente as coloca sob a responsabilidade dos padres. Exemplos: ensinar o catecismo, ensinar em colégios e faculdades católicas.

### 2. Entre as ocupações indiretamente pastorais ou apostólicas, algumas são instrumentais, e outras supletivas.

a) No primeiro grupo, estão incluídas tôdas as que visam a realização mais completa das ocupações já enumeradas. Exemplos: aprender grego para conhecer melhor o Evangelho; estudar sociologia para ser capaz de conhecer melhor as condições concretas do exercício do ministério apostólico, etc. Há ocupações temporárias e outras que não cessam durante tôda a vida. O repouso e as férias, por exemplo, são dêste último tipo, pois condicionam necessariamente o perfeito exercício do ministério.

b) É a caridade que leva o padre a assumir ocupações de suprimento, fazendo provisoriamente o que deveria normalmente ser confiado a leigos (ex.: substituir o chefe escoteiro que adoece no acampamento, dirigir a Ação Católica, quando ainda não há um leigo suficientemente formado, etc.).

Convém desde logo observar que não há perfeita coincidência entre funções da Igreja e ocupações dos padres, pois muitas funções da Igreja pertencem aos leigos, tais como, por exemplo, dirigir a Ação Católica. O padre as não assume senão para suprir a falta de um leigo... A presença da Igreja no mundo político, por exemplo, ou no mundo da ciência, é de necessidade instrumental. Isto, porém, não quer dizer que deva haver padres ocupando cargos eletivos, ou consagrados à pesquisa científica, embora, em dadas circunstâncias, possam ser êstes os meios de assegurar a necessária presença da Igreja nestes dois setores de primordial importância para a vida humana. Todavia, é mais normal que sejam leigos os políticos e os cientistas, nas ciências profanas. A vocação de padre-deputado, ou de padre-cientista é excepcional e requer, além do mais, qualidades absolutamente excepcionais" (op. cit. pág. 242-244).

·Ao lado da política e da ciência de que fala Th. Suavet, convém ainda citar o sindicalismo cristão ou então a solução do problema operário. Nestes

setores a missão do padre é "orientar", como os Papas tem feito através das encíclicas. Porém a responsabilidade cabe aos leigos.

Convém agora examinar com mais exatidão qual é a relação entre vigário e povo quando se trata de iniciativas que não cabem exclusivamente aos padres e que não são próprias dos leigos, portanto de iniciativas de apostolado e caridade em que tanto o vigário como leigos têm sua função.

### **Democracia ou sistema autocrático**

Em primeiro lugar devemos constatar que a comunidade paroquial não é uma democracia. Falando da Santa Igreja, o Papa Pio XII deixou isto bem claro. Mas que se entende por democracia? Parece não haver unanimidade de opiniões a este respeito. O sistema democrático se opõe às ditaduras atuais e ao sistema autoritário de séculos passados, pelo fato de ter o povo mais participação no governo. Parece, então, que a condição mínima para haver democracia é a existência de eleições livres pelas quais o povo pode depor um governo e escolher outro.

Nesse sentido, a Igreja, evidentemente, não é uma democracia. A autoridade que o Papa, os bispos e os vigários têm, não vem do povo mas de Deus; eles representam Jesus Cristo aqui na terra.

De outro lado a Igreja também não se assemelha aos sistemas autocráticos de séculos passados, contra os quais reagiu a revolução francesa. Estes supunham uma completa passividade do povo comum.

É verdade que grande parte dos fiéis persevera nesta mesma atitude de completa passividade, o que obriga os vigários a governar a paróquia de modo autoritário, mas não se pode dizer que isso seja ideal; nesse caso uma das principais tarefas do vigário é educar o povo a ter maior participação e fazer assim da paróquia uma comunidade.

### **Responsabilidade coletiva**

Para determinar que tipo de sociedade é a Santa Igreja, é melhor não partir de uma comparação com sociedades democráticas e autoritárias, mas de dados bíblicos. É uma das idéias mais comuns que encontramos na Bíblia, é a do "povo eleito". Este povo recebeu a incumbência de continuar neste mundo a obra que Jesus começou, a incumbência de testemunhar por Jesus e de ser o arauto de sua mensagem. Trata-se de uma responsabilidade coletiva. Nas paróquias cabe geralmente ao vigário tomar as decisões, mas isto não pode ser de tal maneira que a responsabilidade recaia exclusivamente sobre ele. Em outras palavras: o povo deve ter participação na responsabilidade. Não é só ao vigário que cabe a obrigação de fazer apostolado, mas à comunidade, ao povo católico, do qual o vigário faz parte e de que é o chefe.

Convém examinar agora de que tipo deve ser esta participação dos

leigos, para que a responsabilidade seja realmente coletiva e, mesmo assim, a decisão caiba ao vigário.

### Será que os leigos são apenas auxiliares?

Alguém pode cooperar com um projeto ou com uma iniciativa de várias maneiras. Os soldados no exército ou os empregados numa construção limitam-se a executar as ordens recebidas sem terem propriamente responsabilidade no próprio projeto. Assim há também em toda paróquia alguns "auxiliares" do vigário que aliviam seu trabalho. Thomas Suavet, porém, no livro citado, acentua que a atividade dos leigos não se pode restringir apenas à função de auxiliares. Ele pergunta aos padres:

"1. Faltam-te leigos ativos? 2. De que leigos sentes falta? Na França de hoje, os padres responderiam, quase unânimemente, à primeira pergunta, do seguinte modo: "Nunca temos bastante gente ativa; não nos contentamos com os fiéis que nos seguem passivamente". A resposta à segunda questão já não seria unânime. Os mais virtuosos diriam: "Temos necessidades de auxiliares leigos. Não temos quem cante ou quem leia as orações em vernáculo; as catequistas são poucas; não posso visitar todos os paroquianos com tão poucos cooperadores; preciso de leigos que ajudem a manter em dia o fichário paroquial". Todos insistem: "auxiliares leigos". Para muitos padres zelosos o leigo é de fato um auxiliar a mais, e só os interessa na medida em que ajuda tanto no culto como no apostolado. Na realidade tais padres, de zelo incontestável, por não perceberem o que os leigos realmente são, também não percebem as riquezas de seu próprio sacerdócio.

Não nos preocupamos com os leigos enquanto auxiliares do padre, embora o possam ser de maneira excelente até; falamos de leigos como tais, enquanto leigos, investidos por Deus de uma função precisa, a de se santificarem construindo cristãmente o mundo profano" (op. cit. pág. 182-183).

Limitar a cooperação dos leigos à função de meros auxiliares é sinal de paternalismo e favorece demais a passividade. Esta se apresenta, então, sob a forma de docilidade. É incontestável que a docilidade e obediência são virtudes necessárias à comunidade paroquial, entretanto elas não podem esconder passividade, pois então é o vigário que age e que assume todas as responsabilidades e não é a paróquia como tal — o povo eleito — que age e que faz apostolado.

Também o Papa Pio XII ensina que a participação dos leigos no apostolado não pode ser limitada a mera execução de ordens do vigário. Dirigindo-se aos sacerdotes, diz: "Sede exigentes, nos objetivos a indicar-lhes, e constantes em impeli-los a tais objetivos. Eles não deverão — é evidente — dar ordens, mas tampouco poderão ser reduzidos à categoria de simples executantes. Deixai-lhes, pois, margem suficiente para que se desenvolva o seu espírito de ardente e frutuosa iniciativa; isto os tornará mais alegres, ativos e prontos a colaborar convosco" (Dom L. S. Suenens, *A Missão da Igreja no Século XX*, pág. 108).

## Participação no planejamento

De um lado devemos dizer que os fiéis não podem ter participação apenas na execução, como auxiliares. De outro lado devemos reconhecer que ao povo não cabe participação na autoridade do vigário, como se se tratasse de uma democracia. Em assuntos de cura de almas propriamente ditas a decisão final pertence ao vigário.

Qual a participação, então, que os leigos devem ter? Devem tê-la no planejamento e na deliberação.

Em cada iniciativa, pois, podemos distinguir três fases: planejamento — decisão — execução. Aos fiéis cabe a execução, mas, como dissemos, se a cooperação dos fiéis se limita a executar as decisões do vigário, a responsabilidade pela iniciativa está apenas com este, e não é coletiva. Do outro lado não podem ter, como regra geral, participação nas decisões, porque a Igreja não é democracia. Só resta então a participação no planejamento ou na deliberação.

Surge, porém a pergunta: se os fiéis tem participação apenas no planejamento e não na decisão, será que ainda participam na responsabilidade da iniciativa? Há duas possibilidades: se os fiéis discordam do plano do vigário, este, mesmo assim, pode decidir de acordo com sua própria opinião e então assume sozinho toda a responsabilidade. Mas se o povo apoia a idéia do vigário, ou se ele diante da divergência, muda seu plano, ele decide em nome do povo, e ele assume a responsabilidade não sozinho mas junto com o povo. E isso é o ideal.

## Conclusão

Nêste artigo indicamos a primeira condição para haver comunidade: a participação dos leigos na vida paroquial: participação no culto e participação nas iniciativas apostólicas. Falta ainda indicar como na prática esta participação pode tornar-se realidade: por enquanto estamos ainda na teoria, mas já podemos tirar uma primeira conclusão prática: um dos maiores entraves para o amadurecimento das comunidades paroquiais no Brasil é a passividade em que vivem os católicos, e à qual corresponde às vezes uma atitude paternalista da parte do clero. Em muitos lugares há uma elite religiosa que se mostra mais ativa, mas a grande massa, geralmente, fica passiva. Em vez de ser "subjectum" de ações apostólicas no mundo descristianizado, o povo católico torna-se apenas "objectum" da ação apostólica do clero.

(Continúa)

**SERVIÇO DE INFORMAÇÕES CINEMATOGRAFICAS (SIC) da C.N.B.B.**  
Faça uma assinatura de

**F I C H A S C I N E M A T O G R Á F I C A S**

e tenha à mão os elementos essenciais para escolha e apreciação de filmes.

Assinatura anual ..... Cr\$ 400,00

Rua da Glória, 446 — RIO DE JANEIRO — GB (atende-se pelo reembolso).

## HA 25 ANOS O PRIMEIRO MISSIONÁRIO DA CONSOLATA NO BRASIL

Pe. Natal Facchini I. M. C.

Aos 13 de fevereiro de 1937, um santo sacerdote missionário da Consolata, o Pe. João Batista Bísio, recém chegado da Itália, escrevia na crônica de viagem: "Data que pode ter certa importância nos anais do nosso Instituto. É o primeiro contato dum missionário da Consolata com a terra americana...

Aos pés do Santo Tabernáculo, na igreja dos Revmos. Padres Salesianos de Recife, com prece ardente e cheia de confiança, ofereci ao Dono da messe tudo o que seus operários, os filhos da SSma. Consolata fizeram, desde hoje e pelos séculos, neste nôvo mundo.

Em nome dos confrades e das irmãs que seguirem estas minhas primeiras e pobres pegadas, aceitei tudo o que Dele nos vier: gozos e dorés, êxitos e desilusões, tudo quanto desde a eternidade já está marcado para nós, convencido de que para colhêr rosas é preciso prepararmo-nos para os pungentes espinhos. Tive a impressão de que aqueles poucos instantes fôssem uma verdadeira consagração".

Aos 16 de fevereiro, 11.º aniversário da morte do Fundador, Servo de Deus José Allamano, exulta ao contemplar o espetáculo deslumbrante e único da Guanabara. Arrebatado pela visão do Cristo do Corcovado anotou: "Aque-la imagem gigantesca, de braços abertos que pareciam prolongar-se de Norte a Sul, até os pontos mais longínquos do Brasil imenso, falava ao meu coração e cantava à minha alma...

Sentia um cântico de boas vindas. Percebia tôda a alma do Brasil acolhedor e hospitaleiro, aumentando, num crescendo extraordinário, a minha confiança".

Com a vinda dêste missionário começou um nôvo capítulo para a historia da Congregação dos Missionários da Consolata.

### No Brasil onde a messe é grande

Todo o estrangeiro vive no Brasil como na sua própria casa. E a expressão "aqui tudo dá, basta plantar" é acertadíssima no que tange à religião.

O Pe. Bísio, alma genuinamente apostólica, surpreendeu-se com um "Brasil destinado a dar muitos e ótimos Padres para as necessidades próprias e do mundo. Esta nova geração brasileira oferece a meu ver belas esperanças. Desta massa ardente, destas falanges de entusiastas, devem necessariamente amadurecer fortes têmperas ou almas suscetíveis de se temperar".

Com mais quatro colegas e um irmão coadjutor, iniciaram a grande

aventura, convencidos de que o Brasil seria um canteiro de vocações e uma nação fecundada pela graça de Deus para grandes realizações.

Não esquecendo a localização nas capitais e nos grandes centros, dirigiram-se para o interior paulista, catarinense e gaúcho.

As melhores vocações provêm geralmente de ótimas famílias que possuem no lar um profundo espírito cristão, antídoto do vício e preservativo dos bons costumes.

Com o espírito do Fundador na alma, confiando na Providência e animados pela hospitalidade do Episcopado brasileiro, lançaram-se ao trabalho. Na humildade operaram maravilhas porque é Grande Aquêlé que trabalhou nêles.

As etapas marcantes dêste progresso foram as seguintes:

1937 — São Manuel — SP — Aceitação da paróquia.

1940 — Aparecida de São Manuel — SP — primeiros seminaristas.

— Rio do Oeste — SC — Paróquia da Diocese de Joinville, a convite de Mons. Sebastião Scarzello, muito ligado aos primórdios do Instituto.

— Rio do Oeste — primeiros seminaristas

1942 — Rio do Oeste — Construção do Seminário, para 150 alunos.

1944 — São Manuel — Construção do Seminário Maior, para 100 alunos.

1946 — Consolantes realizações encontradas pela equipe de Missionários, Irmãs e Irmãos coadjutores vindos da Itália; a majestosa Matriz-Santuário de N. S. Consolata em Rio do Oeste e o Santuário de Sta. Teresinha em São Manuel; dois seminários em fase de acabamento; 80 seminaristas, 18 clérigos. "Era um milagre da Providência, um presságio alvissareiro e a prova definitiva do acêrto da orientação tomada.

1947 — Jaú — SP — Primeiros seminaristas.

— Sorocaba — SP — Construção do Noviciado.

1948 — Jaú — Construção da sede definitiva do Seminário para 100 alunos.

1949 — Erechim — RGS — Construção da sede provisória do Seminário.

1951 — São Manuel — Ordenação dos cinco primeiros padres.

1954 — São Paulo — Capital — Construção da sede do Governo Regional.

1955 — Aparecida de São Manuel — Construção do Seminário, para 50 alunos.

1958 — Três de Maio — RGS — Construção do Seminário para 150 alunos.

1960 — Erechim — Início das obras da sede definitiva do Seminário para 100 alunos.

1962 — São Paulo — Capital — Início das obras da Faculdade de filosofia e Teologia Latino — Americana.

No Jubileu de Prata de vida brasileira, os Missionários da Consolata oferecem agradecidos a Deus 28 padres brasileiros, 34 clérigos e uns 410 seminaristas.

## Tôda a árvore boa dá bons frutos

"Não poderíamos compreender o resultado de Seminários em perfeito funcionamento, de outros em construção, de paróquias terminadas ou reformadas, de obras sociais e atividades apostólicas nos centros, fazendas e sítios", sem uma análise do espírito que o servo de Deus infundiu à Congregação que fundou.

José Allamano, fundador dos Missionários da Consolata, nasceu em Castelnuovo D. Bosco (Itália) aos 21 de janeiro de 1851.

Ali nasceram São José Cafasso — a pérola do clero italiano — na expressão do imortal Pio XII, São João Bosco e diversos sacerdotes falecidos com fama de santidade.

Castelnuovo, chamada a cidade dos santos ou a Assis do Piemonte, era uma cidadezinha temente a Deus. A opinião pública a respeito do pai de José era elogiosa: ótimo chefe de família, hábil agricultor e um verdadeiro cristão.

A mãe, irmã de São José Cafasso, era considerada pela população como uma "santa pelas boas obras e sobretudo pelos sofrimentos".

Não havia doente que ela não visitasse e atendesse com seus serviços. Não havia pobre que ela não socorresse.

Neste ambiente de educação e fineza cristãs, José viveu os primeiros anos, impressionado vivamente pelos exemplos da mãe.

Concluiu os estudos ginasiais no Oratório Salesiano de Turim, sob os cuidados pessoais de São João Bosco, passando, em seguida, para o Seminário Arquidiocesano. Ali, ocupou o cargo de primeiro prefeito. Ficou a recordação de ser êle um clérigo generoso e constantemente pronto à observação do dever.

Alma eminentemente interior, preparou-se com longas meditações e práticas das virtudes para a sagrada ordenação, aos 20 de setembro de 1873.

Extraordinário nas coisas ordinárias e seguindo "ad litteram" o espírito do tio S. Cafasso, viveu as seguintes considerações escritas na ocasião: "Grande meio para conservar e aumentar o espírito sacerdotal é executar tôda ação do ministério como se ela fôsse a primeira e a última. Direi a mim mesmo: quero celebrar esta missa como se fôsse e primeira e como se devesse morrer logo em seguida".

Todos os seus trabalhos eram relacionados com o santo Sacrifício, dividindo o dia em ação de graças e preparação.

Sonhava com uma paróquia para dedicar-se totalmente às almas. Mas em 1876, o Arcebispo D. Gastaldi, perguntou-lhe: "Queres ser pároco? Pois então dou-te a paróquia mais insigne da diocese: o Seminário".

E a bênção do Arcebispo desceu copiosa sôbre o filho da obediência. Do diretor espiritual dependia, naquele tempo, a formação integral do aluno e tôda a orientação para o futuro sacerdotal na parte espiritual e disciplinar.

O padre Allamano ocupou tal cargo no seminário maior Arquidiocesano. Os alunos comparavam-no a U'a mãe porque infundia paz, temperando, por vêzes, o zêlo excessivo do Reitor.

A biografia atesta que, mais por virtude e domínio de si do que por temperamento, o servo de Deus mantinha-se forte nos princípios e suave nos modos, vigiando e controlando os dirigidos sem se tornar pretencioso.

Mantinha inalterável serenidade de espírito, conservando no rosto um sorriso todo materno, deixando a impressão ao seminarista de estar na presença da própria mãe. Enfim, na afirmação geral da comunidade, "o subdito recebia uma formação completa para o apostolado, porque encontrava nêle um outro Jesus", cheio de delicadeza e caridade evangélica, chegando até a ler nos corações.

Com bondade exigia enérgicamente o perfeito cumprimento do dever. É um êrro pedir pouco ao jovem, porque êste não ama as medidas.

Por isso apresentava-lhe a santidade sacerdotal — tal como deve ser — despida de sentimentalismo, numa realidade severa, para evitar surpresas futuras, revelando ao mesmo tempo sabedoria não comum e santidade vivida. Como Jesus, ensinava o que vivia.

O desapêgo das coisas terrenas, o coração vazio do mundo e cheio de Deus, vivendo na terra com cidadão de céu, constituíam nas suas meditações e na formação individual, antífonas repetidas freqüentemente.

As suas palavras proferidas em colóquios e nas breves meditações, atestam ainda os alunos, eram impregnadas de unção tôda particular, suavizando a solidez e a praticidade da doutrina.

Ascética um tanto severa mas segura e mitigada pelo espírito de Cristo. Todo o sacerdote deve ser santo. A santidade não se adquire no dia da ordenação. É ela um enxoval preparado muito antes, desde o seminário menor.

Austero para consigo, não espantava os alunos na concretização do ideal divino. Apresentava-lhes uma santidade acessível, insistindo sobremaneira na perfeição e fidelidade às coisas comuns.

Desta maneira o "homo sapiens et prudens" coroava a sua doutrina com a devoção à Eucaristia, embora a atmosfera fôsse jansenista, entusiasmando os seminaristas à freqüência dêste sacramento como "meio extraordinário que vos faz percorrer a via de preparação ao sacerdócio".

### **Restaurador e reitor do Colégio Eclesiástico**

O clero jovem preparava-se para o ministério permanecendo dois anos neste colégio sacerdotal, recebendo aulas teóricas e práticas de moral.

Já assoberbado pelo trabalho, o Padre Allamano ocupou por três anos o cargo de superior e professor na mesma cátedra ocupada, 40 anos antes, pelo tio São Cafasso.

"O que se disse dêste na formação do clero pode-se aplicar "ad litteram" ao Allamano," testemunhou o con. Luiz Boccardo.

"Era o homem de Deus talhado para formar o jovem clero", depõe ainda D. Peyretti.

"Considero o Allamano o melhor educador dos novos padres, pela for-

mação à ciência e à piedade e pela estima e decôro das sagradas funções”, atesta o con. Peyron com muitos outros.

As sagradas cerimônias pareciam constituir a sua paixão dominante. Recomendava o estudo tanto das rubricas e o exercício metódico do canto gregoriano.

Como reitor do Santuário da Consolata, que êle reformou cobrindo-o de ouro e preciosos mármore, exigia o decôro nas sagradas funções, perfeição máxima nos atos do culto, limpeza, ordem e pontualidade até o escrúpulo. E, acima de tudo, narra a biografia: oração e santidade de vida.

“Na igreja tudo deveria ser perfeito porque se trata do serviço de Deus. É melhor uma função bem feita do que 10 confissões, porque a função edifica todos os fiéis presentes. Frases que o santo reitor repetia como slogans, afim de que se tornassem normas vividas.

Digno de nota: não tolerava conversa na sacristia. “Isso demonstra pouco respeito pela igreja e o público mal impressionado trocará a sacristia pela praça, entrando aqui de chapéu na cabeça. Pelo contrário, o silêncio é um convite para o recolhimento”.

Pio XI, tão parco na distribuição de elogios, escreve-lhe, por ocasião do jubileu de ouro sacerdotal, enaltecendo-o pela restauração do santuário, consequência da “tua ardente piedade para a Bemaventurada Virgem.

“Este merecimento passa em segundo plano se o compararmos com a obra e a solicitude que tu empregaste: para a salvação das almas, para a educação e santificação do clero”.

### **Fundador dos Missionários da Consolata**

Herdêiro do espírito de São Cafasso, afirmava freqüentemente que o bem não faz barulho e o barulho não faz bem. Na verdade o Allamano viveu no silêncio, realizando grandes obras. O trabalho no silêncio e o silêncio no trabalho é mais eficaz e construtor. Por isso, nunca fêz alardes dos seus feitos, passando despercebido em grandes manifestações e solenidades.

Certo de que a fundação era obra de Deus e inspiração da SSma. Consolata — confirmada pela cura repentina de grave doença, enquanto os jornais já anunciavam a sua morte e sacerdotes já haviam celebrado em sufrágio da sua alma — não se preocupou de publicidades. Julgava-se apenas um instrumento. Mas era um instrumento apto, ativo e proporcionado à obra de Deus: um santo.

Uma afirmação absoluta é imprescindível a esta altura: a conversão dos infieis devorava-lhe a alma. O amor floresce com o zêlo. As obras aumentam com o amor. O Instituto Missões Consolata, fundado oficialmente aos 29 de janeiro de 1901 é fruto do amor de Deus e do zêlo pelas almas.

Por isso, a finalidade da Congregação, além da gloria de Deus e santificação dos membros, tem a missão específica da propagação e conservação da fé, especialmente entre os infieis.

Hoje, como no início, a congregação exerce eficientemente apostolado na África Oriental Britânica e Portuguesa, desenvolvendo com esforço gigantes-

co as escolas que são de capital importância para enfrentar e contrabalançar em parte o movimento protestante e islâmico, como também construindo obras sociais de valor inestimável para os nativos.

Após o segundo conflito mundial, concretiza os ideais missionários no Território do Rio Branco (Brasil), no Vicariato Apostólico de Florência e Missões do Rio Madalena (Colômbia) e nas Missões do Chaco (Argentina).

Atualmente conta com diversas casas de formação em várias regiões da Itália, em Portugal, Espanha, Inglaterra, Argentina, Colômbia, Estados Unidos, Canadá e África do Sul.

Em 1910, aconselhado e quase por imposição de São Pio X, o servo de Deus fundou, com idêntica finalidade, a Congregação das Irmãs Missionárias da Consolata.

Esta nobre e divina empresa contribuiu para despertar e incrementar o espírito missionário na pátria italiana.

### O Superior Geral

Como já tivemos oportunidade de assinalar, o cón. Allamano desempenhou o cargo de prefeito, assistente, Diretor Espiritual, Superior do Colégio Eclesiástico, Reitor do Santuário da Consolata, centro da devoção mariana no Piemonte, Fundador de duas congregações missionárias.

Delas exerceu o cargo de superior geral até a morte.

Profundo conhecedor das almas, guia seguro por entre os caminhos da perfeição e educador completo na formação do clero, armazenou preciosa experiência para a direção do Instituto que êle fundou.

Em primeiro lugar, o progresso de uma comunidade depende do superior que deve cumprir o dever e dar o exemplo: de piedade, vigilância e correção.

Geralmente se uma comunidade não é fervorosa a culpa recai, antes no superior.

"Ai do superior que negligencia o andamento da comunidade e dos singulos indivíduos.

"É êste o grande dever do qual depende o florescimento ou a decadência de um Instituto". Canonizando o método de D. Bosco: "Prevenir para não dever punir", exigia dos superiores locais uma vigilância rigorosa e pormenorizada em tudo e sôbre todos. Êle mesmo dava o exemplo recebendo diàriamente do diretor da Casa da Mãe, informações detalhadas sôbre o andamento da comunidade. Meditava freqüentemente e o preocupava a expressão da Sabedoria: "Judicium durissimum his qui praesunt".

Não tolerava que os assistentes passeassem juntos no pátio e insistia para que êles, na capela, rezassem, olhando para os seminaristas.

Tôda a falta devia ser advertida ou censurada com brandura, ainda que fôsse preciso dar tempo ao tempo.

Na época atual, diríamos nós: "Tudo isso era possível e compreensível no século passado". Seja! Mas os melhores educadores do passado e os dos

tempos modernos, assinalam a sabedoria de tal método, baseados sobretudo na experiência.

Era severíssimo com os insubordinados e intransigente com os murmuradores. A insubordinação, comentava após a averiguação de um caso do gênero, é uma das mais graves faltas que se pode cometer numa comunidade religiosa, e é o que ameaça profundamente a mesma vida, porque começa precisamente com a arrogância dos súbditos a se constituírem juizes de quanto fazem os superiores. Declarou-se então disposto a fechar o Instituto se não se calassem as bocas dos murmuradores.

Na admissão dos candidatos ao sacerdócio procedia com cautela.

Não queria nenhum "minestrone". "Quero sejais como os soldados de Gedeão. Poucos mas em regra. Definia a mania do número como a peste dos Institutos, quando a quantidade fôsse prejudicial à qualidade e à formação.

Por isto repetia nas conferências dominicais o lembrete do Prefeito de Propaganda Fide, o Emmº Card. Vives: "Espero que tenhas feito na tua casa uma portinha e um portão". A primeira era para os que ingressavam e a segunda para os que saíam.

Demostrava-se sumamente grato aos Exmos. Bispos e reitores de cujas dioceses provinham os seminaristas. Alertava ao mesmo tempo os superiores para que não tremessem perante a necessidade de demitir os que não correspondessem ou os eternos duvidosos. "Não conto com o número".

Exigindo em primeiro lugar a pureza de intenção do candidato, insistia para que êle se empenhasse com tôdas as fôrças na correspondência à vocação e à própria santificação. Estes conselhos eram repetidos como estribilho em tôdas as cartas e conferências.

O ideal do seminarista: a salvação das almas. Esta meta, comentava êle, é a suprema lei do Instituto.

### **O Missionário segundo a mente do Fundador**

A vocação é um dom de Deus que o homem recebe e precisa desenvolver com graças apropriadas. A vocação missionária reclama o superlativo de tôdas as virtudes. A piedade precede tôdas. E o estudo em seguida.

"O apostolado em nossos tempos exige, mais do que nunca, gente de primeira classe em virtude e doutrina". E além da constituição física queria inteligência acima da medíocre.

Em resumo, pedia que o candidato fôsse "antes santo, depois missionário", consolidado profundamente na piedade.

"Quem salvará mais almas? Quem é mais santo.

"Para arrastar os outros ao heroísmo é preciso que sejamos heróis.

"O programa do missionário da Consolata deve ser: quero fazer-me santo, um grande santo e logo santo"..

Concretiza, em seguida a santidade do missionário que deve ser mai-

or da dos cristãos, superior à dos simples religiosos e sacerdotes seculares. A do missionário deve ser especial, heróica ao ponto de operar milagres.

Ensinando apenas o que vivia, indicava a prática da santidade na fidelidade às pequenas coisas: extraordinários no ordinário.

"Daí, a coisa principal, a mais importante, é a observância exata, cordial das regras".

Para o Fundador, o espírito de sacrifício constitui a espinha dorsal do missionário, a substância da sua vida. "Quem diz missionário, faz a idéia de um homem totalmente sacrificado". "O missionário que não tem o espírito de mortificação nada pode". Sua convicção profunda era de que as almas só se compram com tal dinheiro. Aborrecia as meias-vontades, os abúlicos, os que se arrastavam na comunidade, ou, em expressão genuinamente brasileira: os molengões. "É preciso energia, desde o início, toda a energia é sempre energia. Energia espiritual e também material".

"Quem é enérgico se santifica. Quem não tem energia não entre neste Instituto, porque corre o risco de não cumprir os deveres do próprio estado. Pretendo vontades de ferro. Esta é a casa da energia. Jamais me cansarei de o repetir. Ah! Não posso ver "molóides"!

Uma característica deixada como testemunho a seus filhos: o amor pelas sagradas cerimônias. "A exatidão nas cerimônias seja nota distintiva dos missionários da Consolata. É o testamento que vos deixo... É o meu fracasso". Por diversas vezes frisou a importância deste mandato, fazendo até depender da fiel observância de todas as cerimônias o bom espírito do Instituto.

Outra característica que devia distinguir o missionário: a devoção a Jesus Sacramentado. "Quero que esta seja a devoção do Instituto.

Deve ser de todos mas especial dos sacerdotes. Além disto quero que seja a nossa de maneira toda especial... Quero sejais todos sacramentinos...

Pudéssemos ter também nós a adoração perpétua. Jesus Sacramentado é o nosso centro e de todos os nossos pensamentos, palavras e ações.

Quando estiverdes na África, a santa comunhão será o alimento que vos sustentará.

De todas as notas individuantes da Congregação que o Allamano fundou, se evidencia a devoção mariana. Ele era o servo de Maria, o cantor de Maria, o filho de Maria, o amante por excelência. Maria era como a atmosfera que ele respirava qual condição de vida, de trabalho e de qualquer sucesso: A devoção a Maria é sinal de predestinação, e, para nós, sinal de santidade certa.

"Quem não tem devoção a Maria, nunca será um santo religioso, um santo sacerdote, um santo missionário. Lembrai-vos, pois, se não a amarmos, nada faremos na vida".

"A Consolata é de modo todo particular, nossa. Devemo-nos ufanar de a possuir como Patrona e orgulharmo-nos santamente pelo título de "Consolata "que traz o Instituto". Forjou-lhe o emblema: "Et annuntiabunt gloriam meam gentibus", estendendo a Maria SSma. o que o profeta Isaías diz de Deus. Sem exagero, pode-se afirmar que a Congregação é essencial-

mente mariana marcada pelas impressões digitais do Allamano. Por isso, as Constituições, sàbiamente registram no primeiro capítulo: "O espírito do Instituto possui uma característica profundamente mariana, segundo os exemplos e os ensinamentos do Pai Fundador.

Êste espírito deverá informar a vida e a atividade missionária de todo o membro do Instituto".

Jamais poderíamos olvidar o espírito de família que deve reinar no Instituto por vontade do Pai Fundador. O seminário deve ser uma continuação da família. Sem ciúmes, sem encrencas, sem acusações, sem calúnias.

"Todos irmãos, um só corpo". Esta era a sua vontade.

Comentando o versículo do salmo: *O quam bonum et jucundum habitare fratres in unum*; "Como é bonito estarmos unidos, juntos, não nos comendo mutuamente como animais na gaiola; não como numa prisão, mas como irmãos numa casa".

"A união de todos é necessária para gozar a verdadeira paz na Comunidade. Como é belo o "unanimiter", unidade. Isto é importante.

Um aceno apenas a respeito do trabalho manual que devia ser para os filhos: "um exercício de pobreza à imitação de São Paulo".

A sua vontade era de que todo o missionário fôsse hábil nas artes e ofícios para a utilidade das missões. Para a Congregação, o amor pelo trabalho manual é um sinal de vocação.

### **Diretrizes para o apostolado**

O servo de Deus, embora não tivesse visitado as Missões da África, se revelou, contudo, conhecedor profundo dos problemas referentes aos meios, ao método e à organização na obra da evangelização entre os infiéis.

Ponto de partida para qualquer sucesso: santificação do missionário.

Alertava-o contra a heresia da ação. "Que as obras jamais impeçam, porquanto necessárias, os retiros anual e mensal". Pretendia, especialmente em terras de missão, a fidelidade escrupulosa às práticas comuns de piedade.

Nos seus escritos e conferências, evidenciam-se uma insistência e uma preocupação contínuas: a santificação do missionário.

Em segundo lugar, traça diretrizes sapientes que, se observadas, frutificarão em bênçãos e progresso. São elas: união e perseverança. A união exige conjugação de normas por parte dos superiores. Unidade de ação e união dos corações por parte dos súbditos. Método, pois, que logrou eficácia, aprovado sobretudo pelo decorrer dos tempos. Resumia tais ensinamentos, indicando o caminho do sucesso na concórdia — que torna leve a fadiga, faz a força e obtém a vitória.

"Ai do missionário que, tenaz no próprio juízo, não sabe renunciar às próprias maneiras de ver para aceitar cordialmente as da maioria dos colegas, e, o que seria pior, rejeitar as do superior. Trabalha em vão e talvez destruirá o bem feito pelos outros". São palavras do Pai Fundador.

Chegava então a uma conclusão lógica, embora custasse um martírio incruento para o súbdito. Condição absolutamente necessária para um trabalho concorde: a obediência que, nas constituições, é definida: "fundamental para o nosso Instituto". Fundamental para qualquer apostolado profícuo e duradouro. "Obediência não só de obras — continua o servo de Deus — mas também de juízo, renunciando aos próprios pontos de vista e apreciações pessoais, com o empenho de seguir pronta e exatamente as normas já recebidas e as que receberéis em seguida".

Garante, pois, resultado eficiente, se "houver união de tôdas as forças e a sua subordinação completa a quem é por Deus chamado a dirigi-las; é necessário pois que a vossa atividade e zêlo sejam constantemente informados pela observância da obediência". E, querendo esta virtude como base ou fundamento do seu Instituto, incluiu, entre as fontes normativas, a carta de Sto. Inácio sôbre a obediência.

Despedia-se dos missionários quando partiam para as missões, com as recomendações de Cristo: "Amai-vos uns aos outros", suplicando-lhes para que não desaprovassem o modo de pensar e de agir dos colegas e superiores. "Estejais atentos contra esta tentação: o dia em que aparecessem as críticas mútuas assinalaria a esterilidade das vossas fadigas e seria o princípio da dissolução do Instituto". E por fim encorajava-os para que perseverassem.

A estas diretrizes lhe deu uma alma: o espírito apostólico que é zêlo, sacrifício, doação total à causa abraçada.

A salvação das almas devia ser o ideal, a idéia motriz a informar e levar, como o fermento na massa, tôda a vida do missionário.

A loucura pelo ideal é fonte de constância, de sublimes arrojos, de renúncias heróicas. Supera as asperezas da luta e vence o desânimo causado pela esterilidade aparente do apostolado.

Eis, em breves traços, o espírito do Fundador que os Missionários da Consolata, principalmente, hoje, gloriosos de tamanha herança se esforçam por viver, traduzindo-o em obras de santidade e progresso para a glória de Deus e utilidade da Igreja.

"Filii sanctorum sumus"

#### **AS MONJAS BENEDITINAS do MOSTEIRO DE N. SRA. DA GLÓRIA em UBERABA**

Executam qualquer trabalho de arte: pinturas, desenhos, crucifixos pintados, imagens, pias de água benta, castiçais, presépios, vasos, etc. em cerâmica — objetos artísticos. **Diplomas de 1.ª Comunhão, Crisma, Ordenação, Casamento, Paramentos, Mitras, Alvas, Véus de Sacrário, Bandeiras, Estandartes, etc.**

**RUA VISCONDE DO RIO BRANCO, 68  
UBERABA — MINAS GERAIS**

## A RELIGIOSA NA SOCIEDADE EM EVOLUÇÃO

Estudo em grupo, realizado pelas Irmãs da Providência de Cap, em Itajubá, MG

Em nossa Congregação, os retiros anuais, de tôdas as Irmãs, são feitos na Casa Central, em cinco grupos: um de Superiores, um de professoras de votos temporários, e três de professoras de votos perpétuos.

Esses retiros são precedidos de três dias de "reunião", com um programa de instruções feitas pela Madre Provincial, de estudos em grupo sobre um tema atual, e mais recreios comuns ou atividades semelhantes, que permitem o desenvolvimento da caridade fraterna e a troca de experiências.

Vamos focalizar aqui os estudos em grupo, realizados nos retiros de julho deste ano. O processo é que foi muito interessante, mas incluiremos também o relatório com as conclusões a que chegaram as Irmãs, conclusões simples e práticas, e por isso mesmo, talvez, tão do agrado de tôdas.

Eram 78 religiosas professoras, num grupo bastante heterogêneo, quanto a idades e atividades. Tão logo chegaram à casa do retiro, a própria Casa Provincial, as Irmãs foram convidadas a apontar por escrito, o nome de três retirantes com quem gostariam de trabalhar nos círculos de estudos.

Foi feito o levantamento do sociograma, e divididas as equipes de trabalho, com as respectivas dirigentes. Um membro do Conselho Provincial reuniu essas dirigentes, dando-lhes o tema para os estudos, acompanhado de breves instruções. Foi o seguinte o tema apresentado:

A Religiosa na sociedade em evolução.

- a) Rápida visão de nossa crise social
- b) O "pior" pode acontecer. Como preparar-se para enfrentá-lo.
- c) Na fidelidade aos princípios imutáveis garante-se a nossa **eleição**.
- d) Revisão de nossas noções de valores: Deus primeiro servido
- e) E se o "pior" não vier...

Realizaram-se então as sessões de estudos, em sete grupos de trabalho, com 11 membros em cada um. Não se fazia notar seleção conforme aptidões ou atividades. Os grupos eram heterogêneos, o que não prejudicou de modo algum a participação espontânea de **tôdas**.

Aliás, como se supõe, tratando-se de uma Congregação religiosa, o ambiente era bastante simples e muito fraternal, e foi respeitada a preferência das Irmãs quanto à escolha da dirigente de sua equipe.

Depois de dois dias de estudos, as dirigentes se reuniram, trazendo cada qual as conclusões de seu grupo. Uma relatora foi escolhida, sintetizando num único trabalho a colaboração de tôdas.

E finalmente, em assembléia geral, foi lido êsse trabalho, o mesmo que reproduzimos a seguir.

Condensado das conclusões a que chegaram os sete grupos de estudo do 2.º retiro de julho.

### a) Rápida visão de nossa crise social

Vivemos uma hora de angústias e apreensões. Sentimos que o mundo avança numa corrida vertiginosa, e não conseguimos distinguir onde vai chegar.

Sentimos ameaça de forças totalitárias, de inimigos da Religião... Uma dúvida nos assalta: conseguiremos, do caos da hora presente, em nossa pátria, salvar as instituições democráticas? Ou teremos de enfrentar uma realidade "pior"?

E qual deve ser, então, a atitude da Religiosa, da Irmã da Providência, em face dessa ameaça, debaixo dêsse céu carregado de nuvens escuras?

Esta foi a pergunta que nos propusemos nos 7 (sete) grupos de estudos e a resposta, sob formas variada, é claro, foi entretanto unânime: Nossa atitude deve ser otimista! Não de otimismo cego, que desconhece a hora do perigo, mas de um otimismo esclarecido que sabe "porque não deve temer"; do otimismo que crê na existência imutável do sol com sua luz e seu calor atrás das nuvens ameaçadoras e escuras de tempestade.

Todavia, o perigo está à porta. E para êle devemos nos preparar. Como?

Procurando, primeiro, não desconhecê-lo. Não é fechando os olhos e desviando o pensamento que vamos afastar o perigo. Cumpre-nos encarar de frente a realidade, não nos isolar do mundo, pelo contrário, procurar saber o que se passa, o que se poderá conseguir por meio de leituras e de boas conversas com quem possa nos orientar e nos manter em dia com a situação, sem exageros de terror. E isto faremos com espírito de catolicidade, por amor à Igreja espalhada na face da Terra.

### b) Preparar-nos para o pior.

De que modo?

Lembremo-nos bem de que força e virtude são coisas que não se improvisam. Na hora do perigo nós reagiremos conforme tivermos vivido anteriormente. Portanto,

"Renovar-nos na fidelidade aos nossos santos compromissos que se resumem nos votos e na Santa Regra".

"Deus é fiel e não permitirá que sejamos tentados acima de nossas forças". Temos a Sua promessa divina que na grande confusão da hora final os eleitos não serão abalados. Tudo poderá desmoronar-se em torno de nós; há, porém, um princípio que é estável — DEUS — e nêle nos devemos fixar. Êle jamais nos faltará se nós não faltarmos a Êle.

Daf, uma atitude de "coragem" que a religiosa deve cultivar, coragem que se mostrará nos pequeninos sofrimentos inevitáveis desta vida.

Daf também um esforço para afastar de nós um certo espírito burguês que nos ameaça, e para retornar ao fervor e à generosidade dos nossos primeiros anos de vida religiosa, quando aceitávamos até com prazer, por espírito de

pobreza, a falta de certas comodidades que hoje podem nos parecer indispensáveis, lembrando-nos de que o nosso burguesismo insulta os pobres.

### c) Quem são os Eleitos

Os eleitos são aqueles que sabem ser fiéis. Fiéis aos princípios imutáveis do Decálogo, princípios estes que para nós estão desenvolvidos na Santa Regra. Fiéis à prática das virtudes básicas, isto é, as Teológicas e as Cardiais.

Dai a necessidade de nos aplicar ao estudo dessas virtudes, para que nossa fidelidade seja uma fidelidade esclarecida e convicta. Mas o estudo não basta; é preciso multiplicar os atos de Fé, Esperança e Caridade para que estas virtudes se desenvolvam em nós. Para a prática da Fé, despertar o nosso **espírito de fé** que pode estar adormecido, não nos mostrando mais nos acontecimentos e nas pessoas que nos cercam, disposições da Providência Divina. Para a prática da Esperança, houve um grupo que recomendou o espírito de desprendimento e de pobreza, uma vez que "tôda posse é contra a esperança". Além disto, cultivar a confiança em Deus, lembrando-nos de que em qualquer lugar ou circunstância, mesmo cercada de inimigos, poderemos realizar a nossa vida de almas consagradas, ainda que só Deus seja testemunha disso.

A prática da Caridade é o assunto do parágrafo seguinte.

### d) Caridade bem ordenada.

Lembremo-nos de que a Caridade tem dois polos: Deus e o Próximo. O mundo atual tende a passar a tônica de Deus para o próximo. Contudo, a caridade bem ordenada põe Deus em 1.º lugar.

"Deus primero servido", dizia Santa Joana d'Arc.

Estudando este ponto, chegamos às seguintes conclusões: Cuidado da nossa vida interior, revigoramento das nossas relações com Deus: Dar tempo à oração e não acalmar facilmente nossa consciência sob o véu da caridade para com o próximo. Por exemplo, não criar em nós esta mentalidade: "precisamos estar plenamente disponíveis", esquecendo-nos de que não existe verdadeira "disponibilidade sem vida interior"; a disponibilidade nasce da vida interior, mas não podemos igualmente afirmar que a vida interior nasce da disponibilidade.

Deus é ainda o primeiro servido quando sabemos pautar nossas obras de apostolado pela santa obediência.

Caridade para com o próximo.

Saber **ver o irmão**. O irmão é antes de tudo o nosso próximo mais próximo, o que vive conosco sob o mesmo teto. Logo, em primeiro lugar o **Irmão** são as Irmãs, as Auxiliares, as Alunas (e também as Professôras) nos Colégios, os Doentes nas Santas Casa, os Velhos nos Asilos. Depois, só depois destes é que devemos colocar aqueles que são objeto do nosso apostolado externo ou indireto, como as crianças ou adultos dos nossos catecismos, as catequistas que nos ajudam e outras pessoas com quem trabalhamos. Ainda em terceiro plano, o próximo mais afastado das populações abandonadas, os pecadores públicos, ou mesmo os pagãos e infiéis. Fique bem claro que a nossa caridade deve atingir a todos, mas se ela for bem ordenada e segundo os pla-

nos de Deus, ela começará em **nossa casa**. Portanto, (foi um ponto em que se insistiu) delicadeza no trato com as **nossas Irmãs**; disponibilidade, prontidão em prestar serviço sem nunca achar que estão abusando de nós; saber achar tempo para servir em casa, assim como achamos para atender aos de fora; tolerância na nossa convivência, saber desculpar. Que a nossa caridade mútua seja um esteio capaz de sustentar a fé dos mais fracos: "Vêde como êles se amam!"

Procuremos rever nossas noções de valores; Deus — o Próximo.

Resumindo a conclusão: — intensificar nossa união com Deus para que a nossa atividade possa ser um transbordamento. Voltara o primeiro fervor da nossa vida religiosa no espírito de pobreza e obediência.

Desta maneira nos preparamos para o pior, que pode vir.

e) E se o pior não vier, estaremos prontas para cooperar no **MUNDO MELHOR** da Sociedade futura.

### Bibliografia recomendada:

- A Igreja e a questão social — C. van Gestel — Ed. Agir.  
 Comunidade ou comunismo — Manoel Joaquim Pires Veloso.  
 Comunismo, ópio do povo — Fulton Sheen — Ed. Vozes.  
 Cruzada Brasileira Anti Comunista (série de 3 pequenos volumes) — Al. Carlos Penna Botto — Ed. Vozes.  
 Filosofia do Comunismo — Agnelo Rossi — Ed. Vozes.  
 Itinerário de Marx a Cristo — Ignace Lepp.  
 O Comunismo e os Cristãos — vários autores — Vecchi Editor.  
 Suicídio ou sobrevivência do Ocidente — L. J. Lebrét — Livr. Duas Cidades.  
 Uma Escola Social — D. Aranzadi e C. Giner — Edições Loyola.



### Comunidades Religiosas "em estado de missão"

Um movimento interessante vai surgindo nos colégios religiosos: formação de equipes dos colégios feminino e masculino, para trabalharem juntos, no campo assistencial.

— Em Campanha (MG), a OFANA — Organização Fraterna de Amor aos Necessitados de Ajuda — congrega as alunas do Sion com os alunos do Ginásio Diocesano, para atividades de assistência social.

— Em Belo Horizonte, as alunas do colégio Pio XII colaboram com os estudantes de Medicina, em favor dos favelados.

— Em Passa Quatro (MG), as alunas das Irmãs da Providência, com os alunos dos Padres Betharramitas ensinam catecismo no Patronato do SAM, e em muitos outros centros da zona rural, onde realizam programas recreativos e educativos.

Mantenha-se ao par do que vai pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, assinando o

**CENTRO INFORMATIVO CATÓLICO (C.I.C.)**

que recebe reportagens diretamente de Frei Boaventura Kloppenbug OFM  
 Pedidos ao: C.I.C. — C.P. 23 — PETRÓPOLIS — RJ

(Continuação do Número Anterior)

Nossos leitores já perceberam que o trabalho do Padre Godeardo Baquero é mais do que um "ensalo". As outras comunicações psicológicas do Professor van F Kolck e do Padre Benko, S. J., manifestam uma interessante divergência de opiniões sobre o direito do candidato testado ao sigilo. Baseiando-se numa alocução de Pio XII, van Kolck escreve: "o sigilo é estrito e nenhuma comunicação deve ser feita se não autorizada pelo próprio candidato" (30). E van Kolck acrescenta: "Em caso de recusa, não é difícil conseguir do candidato que ele mesmo leve o resultado, em sigilo, a uma pessoa de sua confiança, diretor espiritual, confessor ou qualquer que seja".

É visível, aliás, o motivo fundamental da opinião de van Kolck: "uma grande dificuldade é a de não encontrarmos sempre nos superiores a preparação científica para interpretar e assimilar os resultados dos testes nos devidos termos" (31). O Padre Benko admite explicitamente tal possibilidade, mas nesse caso "o psicólogo deveria renunciar a cooperar com tal superior" (32). O professor da PUC do Rio de Janeiro encara o problema sobretudo do ponto de vista do bem comum: "certas profissões (Psicólogo, orientador profissional, religioso, sacerdote) requerem certas qualidades no indivíduo. A sociedade, para salvaguardar o bem comum moral e espiritual, deve usar os melhores meios para verificar a presença ou ausência dessas qualidades. Aliás, esta foi sempre a praxe da Igreja. O candidato tem o direito de não se submeter aos testes, mas corre o risco de não ser admitido a estas funções... Os candidatos, antes do começo do exame psicológico, devem saber que o resultado será comunicado ao superior, por que o exame visa precisa-

mente a proporcionar ao superior uma melhor vista sobre as aptidões do candidato" (33).

O Frei Valfredo Tepe, OFM, tinha tratado este assunto, pouco antes da palestra proferida em S. Paulo pelo Pe. Benko, (Julho de 1961), num artigo publicado nessa revista (maio de 1961). Vamos pedir ao padre franciscano arbitrar esta sutil divergência entre psicólogos católicos:

"A "Sedes Sapientiae", de um lado, recomenda o exame da aptidão psíquica, de outro não indica como deve ser feito este exame. Não deixa de constituir certa orientação a conhecida alocução de Pio XII aos psicólogos, em 1958 (34) na qual chama a atenção para "a utilização, largamente difundida, de certos testes, por meio dos quais se vai até ao ponto de revolver, sem escrúpulos, as profundezas íntimas da alma... Em si, o conteúdo do psiquismo pertence exclusivamente à pessoa e só dela fica sendo conhecido... Há uma larga parte de seu mundo interior, que a pessoa só descobre a poucos confidentes e defende contra a intrusão de outrem...".

Depois de ter contestado a interpretação dada por McCarthy deste discurso de Pio XII, Tepe insiste e conclui:

"As expressões "conteúdo do psiquismo", "mundo interior", "domínio interior", não se referem apenas a fatos de consciência, mas às disposições e tendências íntimas do indivíduo que não se manifestam num exame superficial, mas são reveladas através dos testes (35).

O candidato tem direito de não manifestar o seu "domínio interior", a não ser a pessoas de sua própria confiança. Seria ingênuo supor que o psicólogo ou a equipe do exame psicológico lhe inspire tal confiança, quando sabe que o resultado é comunicado aos superiores. à sua revelia" (36).

30) VSR: p. 362.

31) ibidem.

32) ibid. p. 375.

33) ibid. p. 374.

34) D.P. 130 já citado, Parte II, § 2.

O texto foi também publicado pela R.E.B. de 1961

35) Tepe, "Revista da C.R.B., 1961, pp. 296-7.

36) ibidem.

Por estas palavras, o Frei Vallredo, colocando-se no terreno psicológico, nos mostra que o psicólogo perderia a confiança do candidato se o sigilo não fôsse estrito. Ora, sem esta confiança, e todos concordam nisso, êle não pode fazer nada, nem saber muito. O Pe. Benkô, aliás, não fala doutra maneira: um abuso dos testes tornaria "o instrumento contrário ao seu próprio fim: prover pelo bem comum moral e espiritual".

Não obstante, o eminente autor acha, com o Padre Vaughan, que o superior "têm o direito de pedir ao candidato que se submeta, sob pena de ser excluído, a testes e entrevistas". E isso precisamente para prover pelo bem comum moral e espiritual. Parece-me que o Padre Benko não faria dificuldade em encarar o problema sob um outro aspecto, sob o ângulo do psicólogo, que êle mesmo é!

Ora, os moralistas nos dizem, quanto ao sigilo profissional do médico, e quanto à liceidade de revelar segredos em prol do bem comum: "os moralistas não concordam. Não é certa, por conseguinte, a obrigação de revelar. Ao médico compete decidir, conforme às circunstâncias, quando deve falar ou calar" (37").

Em nosso caso parece-me que o próprio bem comum moral e espiritual exige que o psicólogo, cuja situação se assemelha à do médico, não revele os segredos de seu paciente ao superior contra a vontade do primeiro. O Pe. Benko chegaria provavelmente à mesma conclusão se aprofundasse o sentido do discurso de Pio XII (que, aliás, êle não cita) à luz da encíclica "Mystici Corporis". "Em todo e qualquer corpo físico, os membros particulares destinam-se, em última análise, unicamente ao bem de todo o composto, ao passo que a sociedade de homens... é finalmente ordenada ao proveito de todos e cada um dos membros, como pessoas que são... A Igreja é ordenada ao bem dos fiéis" (38).

Pio XII exclui assim até a sombra

dum certo "totalitarismo eclesiástico". Se a própria sociedade sobrenatural da Igreja é ordenada ao bem de cada um de seus membros, entende-se melhor o direito estrito do fiel, candidato à vida numa sociedade dentro desta sociedade maior, ao sigilo, no que diz respeito a seu "mundo interior". Se é verdade que os candidatos à vida sacerdotal e religiosa tencionam desempenhar uma função pública dentro da Igreja, e têm o dever, juntamente com os Superiores eclesiásticos e religiosos, de buscar "o bem comum moral e espiritual" da comunidade e da Igreja, não é menos verdade que ainda na sociedade sobrenatural vale o "princípio da subsidiariedade" da sociedade para com as pessoas que a integram. "Também os valores mais universais e mais altos que só podem ser realizados não pelo indivíduo, mas pela sociedade, têm, por vontade de Deus, como último fim, o desenvolvimento e perfeição do homem natural e sobrenatural", escrevia Pio XI numa frase que precisava com antecedência o alcance da citação de Pio XII (39).

Em breve, o bem comum moral e espiritual dos candidatos, psicólogos, superiores, Institutos, mesmo do conjunto dos fiéis, e de toda a Igreja, exige o respeito absoluto do segredo pedido pelo candidato quanto às camadas profundas, seja inconscientes seja conscientes, de seu "eu", de sua personalidade. Mas podemos conceder ao Pe. Benkô que a mesma exigência não se impõe acêrca de dados psicológicos mais superficiais, e, pelo fato mesmo, menos interessantes... (Com efeito, se o Santo Offício reprovou a obrigatoriedade dum exame psicoanalítico das aptidões requeridas para a vida sacerdotal ou religiosa, não fez objeção a um exame psicológico, que pode ser considerado como sempre desejável. O preâmbulo da decisão (40) mostra o que entende por "exames psicoanalíticos propriamente ditos: provavelmente "a exploração sistemática de todos os aspectos das tendências e representações sexuais dum

37) Luís Alonso Munoyerro, Arcebispo de Slon: "Código de Deontologia médica" Fax, Madrid, 1916, p. 209.

38) Pio XI, encíclica sobre o Corpo Místico de Cristo, D.P. 24, 8 62 3.

39) Pio XI, encíclica "Mit brennender Sorge" D.P. 133, § 40.

40) Revista da Conferência dos Religiosos do Brasil, nov. de 1961, pp. 650-1.

indivíduo". (41). No juízo do Santo Offício, tal exame não é necessário para julgar da aptidão a guardar a castidade.

Os "dados psicológicos mais superficiais", cujo exame e revelação poderiam ser exigidos, sob pena de exclusão, pelo Superior, excluiriam os atos e as disposições do "mundo interior" da personalidade considerada, mas não as aptidões positivas reveladas num exame superficial.

A contribuição do Frei Teodoro de A. Chaves, O.F.M. Cap., sobre a "direção espiritual na época dos santos Padres" fica tanto mais interessante para nós do ponto de vista psicológico, que nos mostra, em certos autores antigos, um conceito da autoridade do diretor espiritual hoje insustentável. Por isso a preciosa leitura destas páginas precisa ser completada e atualizada pela lembrança de princípios hoje unanimemente defendidos pelos autores de teologia ascética e mística:

a) "ao diretor espiritual, enquanto tal, não compete nenhuma autoridade no sentido estrito da palavra, à qual corresponderia um exercício estrito da virtude de obediência";

b) "não obstante, o diretor não é igual ou um amigo, mas uma certa superioridade permanece inerente à sua função de educador ou mestre; a esta corresponde uma verdadeira submissão do dirigido, submissão aliás mais de prudência e humildade que de obediência" (42).

Como frequentemente, no passado e ainda hoje, a mesma pessoa estava desempenhando o cargo de diretor e o de superior ou confessor, os autores (e talvez São Basílio na citação auzada pelo Frei Teodoro) (43) não sempre precisam o título da autoridade. O seguro Pe. de Guilbert nota ainda que o diretor, enquanto tal, não pode dar uma ordem senão condicionalmente ("se você não fizesse isso, não poderia dirigi-lo"). O caso do escrupuloso é, evidentemente, um caso particular (44).

Num trabalho aprofundado sobre "o discernimento dos espíritos" aplicado ao processo vocacional (preferia dizer: responsivo!), o Pe. Géza nos mostra, numa análise exemplificada por dois casos concretos, o papel do diretor de consciência perante as hesitações do dirigido: o primeiro não se substitui ao segundo, mas lhe facilita a tarefa árdua de descobrir livremente a vontade de Deus.

O estudo dos casos dos seminaristas X e Y, feito pelo Pe. Géza, ajudará eficazmente os padres espirituais (45"). Observamos contudo a mesma confusão de vocabulário já assinalada: não é a vocação, mas o abraço da vida sacerdotal ou religiosa que é uma resposta livre do homem ao chamamento de Deus. Não sou o único a sublinhar a importância deste problema verbal; o célebre teólogo dominicano Lavaud insiste também: "É melhor, para a clareza das ideias e para eliminar qualquer perigo de equivoco, distinguir sempre entre chamamento gracioso recebido e resposta generosa a este apelo... Se integrarmos a livre resposta do chamado na noção mesmo de vocação, de tal modo que não haja vocação sem consentimento, o problema tão agitado numa obrigação inerente à vocação nem sequer poderia ser colocado" (46).

## V — PASTORAL DA VOCAÇÃO

Já no primeiro volume da nova coleção o Pe. Luiz Fernandez, e os (Juegos Albano Kreutz e Ivo Sorscheiter nos expõem como educar para a caridade, iniciar à vida litúrgica e orientar nos estudos os seminaristas.

No segundo volume, o Pe. Luiz Adami S. J., apresenta o trabalho vocacional segundo os esquemas do Pe. Bortoni" jesuíta mexicano conhecido por sua atuação vocacional em muitos países da América Latina. Esquemas muito práticos, que deveriam ajudar numerosos sacerdotes a cultivar e selecionar mais esmeradas e numerosas vocações. Com toda razão, o autor mexicano focaliza o

41) Louis Bernaert, S.J., "Etudes", outubro de 1961, p. 119.

42) J. de Guilbert, S.J., "Theologia spiritualis", Romae, 1939, § 187-8.

43) SR, p. 260.

44) de Guilbert, obra citada, § 189.

45) VSR, p. 332-6.

46) Lavaud, O.P., revista "Vocations sacerdotales et religieuses", nn 214, abril de 1961, p. 12 nota 13.

papel das graças atuais e inspirações no desenrolar das vocações. "A vocação é ação divina, sobrenatural, interna, pela qual a inteligência é iluminada e a vontade solicitada para um estado de vida ou uma profissão" (47). Mas seria exagerado dizer: "para haver vocação genuína, não basta ser objeto desta ação divina uma única vez; é uma série interminável de ilustrações e moções que tende dia a dia a intensificar-se". A segunda parte da afirmação é perfeitamente justa; mas se a primeira graça atual fôr recusada, as outras poderiam não ser oferecidas, e esta primeira ficaria então a única, e não menos autêntica por isso! Foi o mérito de Santo Afonso Maria de Ligório, Doutor da Igreja, sublinhar esta consequência da natureza transeunte e passageira da graça atual no domínio vocacional. (48).

O Padre Mugnol que trata do "promotor vocacional", refere um sugestivo parágrafo do Padre Bortoni (não sei até que ponto cada frase, como no caso precedente, exprime o pensamento genuíno do jesuíta mexicano): "Se o pároco quisesse, se se empenhasse, quanto poderia fazer pelas vocações não só da sua diocese mas ainda pela causa vocacional do mundo inteiro... estendendo o seu olhar de sacerdote fiel até o mundo dos pagãos, onde há muitas almas que esperam, para não se condenarem, a chegada de 1.800.000 sacerdotes, pois há o mesmo número de infiéis multiplicado por mil" (49).

Que cada sacerdote seja, por sua parte, responsável da evangelização do mundo pagão, este fato é negável, e deve urgentemente ser apresentado para estimular ao mesmo tempo o zelo missionário e o zelo vocacional. E se muitas almas esperam a vinda de sacerdotes no mundo pagão, não é pura e simplesmente para se não condenar (como se o ato de caridade perfeita, o voto im-

plicito do batismo não bastasse para evitar o inferno), mas para ter meios normais abundantes de conseguir uma salvação eterna que nunca é absolutamente certa, mesmo para o santo enquanto vive no destêrto terreno (a não ser no caso de revelação privada) (50).

Todos aqueles que lidam com seminaristas menores verão as suas perspectivas renovadas e enriquecidas pela leitura das "Notas Pastorais do Primeiro Congresso de Superiores dos Seminários menores do RGS e de SC". Seria sem fim referir o que merece louvor. Faremos somente duas reservas:

a) parece-me demasiado rigorista a apreciação: tratando-se do vício da masturbação ou de homossexualidade, se isto acontecer depois de admitido no seminário, mesmo uma só vez, seja demitido" (51). Nem a Congregação dos Religiosos, no tocante às escolas apostólicas, nem o Padre Boschi S. J., apoiando-se na autoridade da Congregação dos Seminários, nem os Bispos da Lombardia admitem critério tão severo (52). Ao mesmo tempo que repetem as exigências para a admissão ao subdiaconato, eles dizem:

"Se se tratar de uma ou duas quedas raras e isoladas, ou em geral de uma queda em circunstâncias tais a poder esperar uma radical emenda, segundo o prudente critério do Diretor Espiritual, então bastará impor ao D'ácono antes de receber o Presbitato uma prova proporcionada de mais ou menos um ano. Porém se fôsse uma queda isolada, detestada e reparada imediatamente, e o seminarista fôr habitualmente mortificado, a prova poderia limitar-se se fôr necessário, a alguns meses. Até aqui os Bispos da Lombardia (52). Quanto mais, então, a mesma solução valerá para um seminarista menor! E as recentes diretivas da Congregação dos Religiosos encaram a possibilidade de semelhantes exceções no caso dum

47) VSR, p. 298.

48) Santo Afonso de Ligório, § III: no estudo do S. Doutor sobre a escola do estado.

49) VSR, p.207.

50) Denzinger 805 e 286, D. P. 95 já citado, pp. 17,23.

51) VSR, p. 405

52) ver o texto dos Bispos da Lombardia no livro: "Seminários do Brasil". (segunda reunião de Reitores) publicado pela editora Vozes, em 1955, p. 239. O texto da Congregação dos Religiosos encontra-se na "Instructio" (reservada aos Superiores) de 2 de fevereiro de 1961, no. 30 § 2, 4.

delito de homossexualidade. Não sejamos mais severos que Roma.

b) **Nem menos exigentes.** Não fa-  
lemos dum "colégio interdiocesano para  
os seminários menores diocesanos", nem  
julguemos "plausível" esta idéia para  
dioceses onde há poucos seminaristas".  
Por um lado se cada Pároco fizer seu  
dever (e, neste ponto, está seu má-  
ximo dever de Pároco), haverá, em  
cada diocese sem exceção, superabun-  
dância de candidatos para com as  
atuais possibilidades dos seminários me-  
nores; por outro lado, Roma se pronun-  
ciou sobre este ponto; em cada bula de  
ereção duma nova diocese, podemos ler  
fórmulas semelhantes a esta: "Impomos  
aos Bispos de ambas as (novas) dioceses  
a obrigação grave de construir quanto  
antes um seminário elementar pelo me-  
nos, para receber meninos prometedo-  
res, entre os quais enviarão os melho-  
res a Roma para estudar a filosofia e  
a teologia... Se alguém desprezar ou  
aviltar nosso decreto saiba que sofrerá  
as penas jurídicas, previstas para aquê-  
les que não cumprem com as ordens dos  
Soberanos Pontífices" (53). Assim se  
expressiu João XXIII a 26 de maio de  
1960, ao criar as dioceses de Nova Fri-  
burgo e de Nova Iguaçu. As razões  
desta atitude são bastante claras: a his-  
tória da Igreja latino-americana, em  
particular no século XIX, mostrou que  
prejuízo ela sofreu no recrutamento  
de seu clero da parte de governos maçons  
e liberais que impediram a criação de  
novas dioceses. A principal razão de ser  
desta criação é precisamente facilitar  
o recrutamento dum clero mais nume-  
roso: lá onde existir um seminário me-  
nor, aparecem os candidatos; meninos  
não farão viagens longínquas (que os  
pais não permitiriam) para ingressar  
no seminário. Por outras palavras, o  
futuro da Igreja no Brasil está em jogo

nesta fidelidade à vontade pontificia.  
Todos os sacerdotes devem colaborar  
para lhe facilitar a execução, sem hesi-  
tação nem tergiversações. Tal era com  
certeza, é evidente, a intenção profun-  
da de todos os participantes deste pri-  
meiro Congresso de Superiores de Se-  
minários no Sul.

Uma magnífica bibliografia vocacio-  
nal, redigida pelo Pe. Jaime Snoek, C.  
SS.R., termina o segundo volume. Am-  
bos testemunham sobre a **colaboração**  
**do clero secular e regular** para solucio-  
nar o maior problema social e religioso  
do Brasil: a escassez de clero, em parte  
causada pela insuficiente seleção nos  
tempos passados. Com a sugestão de  
algumas, e ligeiras correções nas futu-  
ras edições dos dois primeiros volumes,  
estamos aguardando os próximos que  
integrarão a primeira "suma vocacio-  
nal" na língua portuguesa. Já deseja-  
mos aos volumes até agora saídos a  
mais ampla difusão nos meios eclesiás-  
ticos, religiosos e pedagógicos.

Assim contribuiremos para obter de  
Deus estes santos do século XX, dos  
quais nos fala com profundidade o Rvmo.  
Pe. Frei Bernardo Catão: sacerdotes,  
religiosos e leigos que testemunharão da  
transcendência de Deus e da transfor-  
mação interior da vida humana nos no-  
vos campos de amor, abertos pela di-  
vina Providência à nossa atuação natu-  
ral e sobrenatural (54). "Sentimo-nos  
todos angustiados face a estas três res-  
ponsabilidades aparentemente contra-  
ditórias: o testemunho da transcendên-  
cia, o sentido da miséria, a redenção  
dos valores temporais. Quem sabe se o  
santo dos tempos modernos, não será  
justamente aquele que fizer a síntese  
entre estas três tarefas?"

A esta pergunta do teólogo domini-  
cano, João XXIII dá uma auspiciosa  
resposta: "A História ensina que a ca-

As orientações da Congregação dos  
Seminários, em 1949 em particular,  
são referidas pelo Pe. A. Boschi,  
S.J.: "De la chasteté chez les can-  
didats au sacerdoce", Vitte, Lyon,  
1959, pp. 20-41.

53) A.A.S., 1960, pp. 878-879.

54) VSR, p. 258-61. Seria desejável  
que o Pe. Catão completasse esta  
"teologia da perfeição cristã" por

uma "teologia dos estados de per-  
feição", mesmo se fosse breve. Não  
deixa de ser paradoxal que numa  
coleção consagrada ao estudo da  
vida sacerdotal e religiosa um au-  
tor tão eminente trate da perfeição  
cristã sem falar, se não me engano,  
dos conselhos evangélicos. Esta la-  
cuna poderia ser completada num  
dos próximos volumes.

da Concílio sucedem-se eras de extraordinária fecundidade espiritual, em que o sopro do Espírito Santo suscita vocações generosas e heróicas, e dá à Igreja

os homens necessários e aptos. Esta perspectiva de fé e de esperança inflama nosso coração de uma pressagiosa expectativa”.

## COMUNICAÇÕES

### *Sociedade Brasileira de Psicologia Religiosa*

Acaba de ser fundada, em São Paulo, a “Sociedade Brasileira de Psicologia Religiosa”.

A exemplo de outros países, onde os estudos de Psicologia Religiosa são estimulados por Sociedades similares, os sócios fundadores desta Sociedade desejam contribuir para o desenvolvimento científico, em nossa terra, da Psicologia Religiosa.

Entre os propósitos que norteiam esta Sociedade, inclui-se o de promover pesquisas, conferências, colóquios, cursos abertos sobre a Conduta Religiosa, assim como o de propugnar pela elevação do nível científico e técnico dos meios psicológicos utilizados na avaliação, orientação e formação da conduta religiosa.

Já está eleita a primeira Diretoria da Sociedade que ficou assim constituída:

Presidente: Prof. Theo Van Kolck;

1.º Secretário: Pe. Alberto Abid Andery;

2.º Secretário: Psicólogo Hélio Soares de Brito;

Tesoureiro: Frei Baruel de Lageunest O.P.

A Sociedade tem provisoriamente sede no Instituto de Psicologia Clínica da Universidade Católica de São Paulo, sito à rua Cardoso de Almeida, 1021, por concessão do Diretor do mesmo, Dr. Enzo Azzi, que é também um dos sócios fundadores da Sociedade.

### *Encontro nacional de Redatores-Chefes*

De 23 a 25 de janeiro próximo terá lugar no Rio de Janeiro um encontro nacional de Redatores-Chefes da imprensa leiga de orientação sadia e da imprensa católica. O certame será patrocinado pelo jornal “O Globo” e pelo Departamento de Imprensa da C.R.B., Av. Rio Branco, 131, 9.º andar.

As inscrições para a imprensa católica devem ser feitas, no departamento acima, até meados de dezembro.

### *Retiro iniciano de 30 dias*

Como conclusão e coroamento do Curso Intensivo de Direção Espiritual, realizado em Viamão, no verão de 1960 a 1962, será oferecida ao Clero a oportunidade de um curso completo de Exercícios Espirituais, destinado a todos os Sacerdotes, do Clero secular e regular, principalmente aos que trabalham em Seminários e Casas de formação.

Data: de 27 de dezembro a 27 de janeiro;

Local: Casa de Retiros, na cidade de Passo Fundo-RS. Casa ampla, com belo parque e bons quartos. O acesso à cidade é fácil

Pregador: Pe. Cesar Dainese S. J., que será auxiliado por alguns Diretores Espirituais.

Condições: Contribuição financeira de Cr\$ 16.000,00 para cobrir as despesas de alojamento, refeições, lavagem de roupa, celebração diária de Santa

Missa, viagem e gratificação aos Pregadores. A inscrição importa na obrigação de seguir integralmente todos os exercícios e práticas previstas.

Organização: O Retiro seguirá o esquema de S. Inácio, sendo de 4 semanas interrompidas por 3 dias de descanso, com passeios coletivos. Diariamente haverá 4 ou 5 meditações, algumas das quais à noite.

Pedidos de inscrição deverão ser dirigidos, até 15 de novembro, ao Reitor do Seminário Maior, C.P. 40, Viamão — RS.

### *NS — Nosso Século — Nova revista mensal*

Os Padres Salesianos acabam de lançar em circulação, no Brasil, uma revista mensal de ótima qualidade, **NOSSO SÉCULO — NS** — que é a edição brasileira de uma revista que se publica já em seis línguas, e está circulando em oitenta países diferentes. Em janeiro do próximo ano começará a circulação mensal, na primeira semana de cada mês. A nova revista trabalha com venda avulsa Cr\$ 60,00 por exemplar — e assinaturas de 12 números — ..... Cr\$ 600,00. *Preços de 1962.* São três os assuntos fundamentais: comunismo, educação e família. O programa de promoções é bastante amplo, bem articulado, e destinado a dar muitos frutos.

Diretor-responsável da nova publicação é o Revmo. Pe. Irineu Leopoldino de Sousa, nome por demais conhecido, como fundador que é e organizador da Conferência dos Religiosos do Brasil.

A revista NS avisa aos revmos. Vigários e Superiores:

1 — Não temos nenhum agente, representante, ou propagandista leigo, encarregado de qualquer assunto junto às paróquias e casas.

2 — Se por acaso lançarmos mão, em algum tempo, no futuro, de algum agente leigo, para qualquer finalidade, não só lhe daremos credenciais, como ainda avisaremos, por circular ou carta, enviada diretamente às casas religiosas, que ele tiver que visitar.

3 — Em qualquer hipótese, no sistema de administração adotado em NS, os agentes leigos, que vierem a ser utilizados, nunca estarão autorizados a receber qualquer importância em dinheiro, das casas religiosas e paróquias, mesmo quando lhes entregarem revistas, livros, ou qualquer outro material. Qualquer importância nos deverá ser remetida sempre por meio de banco, vale postal ou valor declarado. Nunca por intermédio de agentes leigos. Este particular será mencionado no documento de apresentação.

A razão desta medida é óbvia. Não queremos de modo algum que uma paróquia ou casa religiosa seja explorada em sua boa fé em nome da revista NS, por inescrupulosos sem autorização. Qualquer casa religiosa ou paróquia tem na administração de NS um crédito ilimitado, e por isto lhes podemos entregar qualquer mercadoria, sem receber imediatamente a importância correspondente, que virá oportunamente, por canais seguros. Mas não é qualquer funcionário leigo que merecerá, de NS e da paróquia ou casa religiosa, confiança bastante para ser autorizado a receber nosso dinheiro, que se destina somente a empreendimentos de apostolado, e nunca à vida fácil de exploradores que burlam a nossa boa fé. A causa da boa imprensa já é bastante difícil em si mesma. E os atravessadores a comprometem e desacreditam ainda mais.

O número zero da revista NS, pelo seu rico conteúdo e ótima apresentação, promete muito. 40.000 exemplares, vendidos sem dificuldade. Informa-nos o seu diretor que já tem matéria preparada para os doze números de 1963, garantindo assim exata circulação dos fascículos, mesmo na hipótese absurda (só mesmo de amigo da onça), de os colaboradores nada fazerem durante todo o ano. A organização administrativa da revista é perfeita, como está dando provas a sua primeira apresentação, que atingiu mais de 400 casas religiosas e paróquias, na região centro-sul do País, ao longo das estradas federais, e nas capitais do Norte e Nordeste. Prazo a Deus que esta bela iniciativa se consolide, para sua glória e para a salvação das almas.

## BIBLIOGRAFIA

**F. Legrand. LE CONCILE OECUMENIQUE ET L'EVANGELISATION DU MONDE.** Mulhouse, Edit. Salvator, 1962. 142 pgs.

O Autor, diretor-responsável da Revista Internacional de experiências pastorais "Le Christ au monde", pletela a inadiável necessidade de desencadear um novo surto de atividade missionária, a fim de intensificar e acelerar o ritmo da evangelização do mundo não-cristão, pois a atual situação desta evangelização, depois de vinte séculos de cristianismo, é angustiante e mesmo desconcertante (p. 13-32). Basta mencionar que atualmente há para ..... 510.000.000 de católicos 362.400 sacerdotes à disposição, ao passo que para os 1.900.000.000 de não-cristãos em terra de missão há apenas .... 32.000, dos quais a imensa maioria se ocupa principalmente com os já convertidos ou catecúmenos. Talvez não haja 1.000 sacerdotes, em todas

Pe. Frei Rafael de União dos Palmares OFMCap. MORAL E MEDICINA EM DEFESA DA PESSOA HUMANA. São Paulo, Editora Nacional, 1962. 270 pgs.

Um livro há bastante tempo esmerado por nossas Religiosas de hospitais, que pediam uma orientação segura sobre a liceidade ou não de várias questões atinentes à medicina e à moral. Teve sua primeira inspiração durante o II Congresso dos Religiosos, realizado em São Paulo em 1956, donde a publicação nas páginas desta Revista de vários artigos sob o título: "Questões Médico-Morais", que muito interesse despertaram entre enfermeiras e médicos.

Reunindo agora êsses artigos, o Autor quis completá-los com uma introdução sobre a moralidade dos atos humanos, a consciência, como também sobre a vocação e os deveres dos médicos, e, no fim, em apêndice, trazendo a palavra autorizada de Pio XII, o Código Internacional, e os de vários países, de ética e de deontologia médica. Na parte principal temos de novo o cap. XI: Fecundação "in vitro", que não apareceu em "Questões médico-morais".

As várias partes constituem um todo completo, harmônico e bem

as missões juntas, que se dedicam, se não exclusivamente, pelo menos principalmente à evangelização dos quase dois bilhões de não-cristãos.

Para sair deste verdadeiro impasse missionário, o Autor sugere uma revisão radical da distribuição do pessoal missionário (Sacerdotes, Irmãos, Irmãs e auxiliares leigos) sobre as terras cristãs e pagãs, a criação de novos organismos missionários nacionais e internacionais, a aplicação de novos métodos e técnicas e, principalmente, a renovação em profundidade e extensão do zelo missionário da Igreja toda, clero e fiéis.

A obra é um explícito apelo ao Concílio Ecumênico, do qual o Autor espera uma corajosa intervenção neste sentido. Pe. Tiago G. Cloin CSSR

responde às perguntas que o prefaçador, Mons. Cicero Teixeira de Vasconcelos, apresenta no início: "Até onde será lícito avançar na rota das pesquisas e experimentações? Pode-se prescindir de toda justificação moral na aplicação das modernas praxes científicas?". Se a primeira parte interessa mais aos médicos e a terceira aos enfermeiros, a segunda, com seus onze capítulos sobre: narcóticos, eutanásia, operação cesariana, fecundação artificial, esterilização, aborto, fetos ectópicos, parto sem dor, hipnotismo, experimentações médicas e experimentações "in vitro", interessará também a sacerdotes e pais de família, constituindo um guia seguro em problemas pouco estudados ainda em nosso meio.

Não podemos deixar de salientar também a apresentação gráfica que mereceu o maior carinho da Companhia Editora Nacional, tornando a obra um verdadeiro mimo que poderá constituir um ótimo presente principalmente aos médicos que trabalhem em hospital administrado por Religiosas Frei Jamaría